

NINOSKA POTTELLA

MYRIA TOKMAJI

GLOIRE NKIALULENDO



RUSSEL CERILIA

MAIKER GUTIERREZ

Narrativas: Exílios e Encontros

Ficha técnica

Gloire Nkialulendo

Maiker Gutierrez

Myria Tokmaji

Ninoska Pottella

Russel Cerilia

Tradutora e revisora de árabe: Hanady Mitry
Tradutor e revisor de crioulo haitiano e de francês: João Arthur
Pugsley Grahl

Tradutores e revisores de espanhol: Sérgio Ricardo Santos
Lopez e Tuanny Eugênio

Revisoras portuguesas:

Denise Mohr
Rebeca Pinheiro Queluz

Organização e Direção-geral:

Carla Alessandra Cursino
Bruna Pupatto Ruano

Direção artística:

Alexandre Zampier
Elaine Schmitt

Fotografia:

Brunno Covello

Vídeos:

Trópico^o Audiovisual

Di Florentino (direção e edição)

Sabrina Demozi (assistência de direção)

Vino Carvalho (direção de fotografia)

Projeto gráfico e diagramação:

Jaime Silveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Narrativas [livro eletrônico] : exílios e encontros / Gloire Nkialulendo Mvangi... [et al.]. -- Curitiba, PR : Ed. dos Autores, 2021.
PDF.

Outros autores : Ninoska Portella, Russel Cerilia, Maiker Gutierrez, Myria Tokmaji.
ISBN 978-65-00-35714-1

1. Biografias 2. Emigração 3. Mulheres - Biografia 4. Relatos pessoais 5. Superação - Histórias de vida I. Mvangi, Gloire Nkialulendo. II. Portella, Ninoska. III. Cerilia, Russel. IV. Gutierrez, Maiker. V. Tokmaji, Myria.

21-92289

CDD-920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Biografia 920.72

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Apoio

Este projeto é selecionado
RUMOS
Itaú Cultural

Apoiadores

TRÓPICO^o



Prefácio

João Arthur Pugsley Grahl
José Antônio Peres Gediél

“Todo estudo dos fenômenos migratórios que negligencia condições de origem dos emigrantes se condena a dar do fenômeno migratório uma visão parcial e etnocêntrica [...]”¹

Esta frase de Abdelmalek Sayad, talvez o maior sociólogo estudioso do fenômeno das migrações, não é desprovida de bom senso, nem de cuidado com os seres humanos que foram obrigados a sair de seus lares rumo ao quase desconhecido. As pessoas nesta situação têm uma história, são uma história e Sayad faz o que diz quando em seu artigo, antes de qualquer análise (depois do prefácio de Bourdieu e da sua introdução, de qualquer forma), começa seu livro com o testemunho de vinte páginas de Mohand A., como que estabelecendo uma hierarquia, primeiro a história, o testemunho, o sentido, depois a teoria, a racionalidade, a análise.

Além do testemunho, Sayad também traz uma canção que poderia ter sido escrita no Haiti, na Síria, no Congo, na Venezuela e que está sendo escrita neste momento por muita gente do Afeganistão:

*Ficar ou ir...
ir ou ficar...*

*Meu coração, contudo, reflete
Se ele deve ficar ou ir,
Se ele deve ir ou ficar;
Nem ele foi nem ele ficou,
Nem ele ficou nem ele foi.
Sua doença se instalou antiga,
E sua vida, o infeliz, se segura por um fio.*

(excerto traduzido de Sliman Azzem)

Este livro não se propõe ser um estudo, nem analisar, nem racionalizar, nem teorizar sobre geopolítica, sobre movimentos migratórios, sobre a psicologia do migrante, sobre o impacto econômico do estrangeiro na economia. Longe disso. De uma maneira quase distraída, ele toca nas “condições de origem dos emigrantes”, que, por isso, deixam de ser bits de computador em um gráfico estatístico em forma de pizza e passam a ser o personagem principal de uma história, como Quixote, como Toussaint, como Sherazade, como Bolívar, como Harum al Rachid, como Sony Labou Tansi, como Jesus, como Mohammad...

“Ficar ou ir, ir ou ficar”. Eles vieram. Mas através de seus textos, vemos que o coração deles hesita, como hesitam os corações de todos que foram obrigados a deixar seus lares, seus amigos, sua família, seus pertences, suas plantas. Mas não deixaram suas lembranças de um mundo que passou, de um presente estrangeiro que são obrigados a aceitar, e de um futuro incerto, com um coração que bate (inconstante como todo coração) no ritmo “nem fica, nem vai”.

Mesmo que não queiramos ir, não ficamos. Somos precipitados na voragem de memórias ancestrais que desconhecemos. Transitamos por paisagens que se alternam entre o passado perdido, o presente incerto e um futuro imaginado; ouvimos ecos das cantigas de uma infância distante em línguas com sonoridades desafiadoras. E sempre, sempre a saudade indizível, mas sentida por todos, pois estamos em territórios comuns dos que migram.

Para realizar esses percursos da memória temos que enfrentar o monolinguismo, os particularismos culturais, o universalismo linguístico globalizado e o rigor da escrita como expressão de uma identidade nacional fixa. Essa via não propõe o apagamento de culturas, identidades ou línguas, mas sim o deslocamento de sentidos e fronteiras para provocar estranhamentos, “palpar la textura y la resistencia de lo que es otro equivale a vivir una nueva experiencia de la identidad”².

Sigamos pelo terreno da poesia, do imaginário em que a escrita roça a oralidade, invoca a música, pulsa com os ritmos e assume múltiplas traduções. Somos convocados a erigir a Babel. “Terrible construcción de la qual el ‘genio hablante’ de los pueblos del mundo nos convida a salir aerosos”³.

Enfim, o livro realiza a poética da relação proposta por Glissant, desvela possibilidades, amplia horizontes, ensaia uma: “relación de multiplicidad o de contagio allí donde las mezclas se explotan en creaciones fulgurantes, sobre todo en los lenguajes de los jóvenes. Los puristas se indignan, los poetas de la relación se maravillan. Los préstamos lingüísticos no son perjudiciales más que en estos momentos donde se vuelven pasivos porque sancionan una dominación”⁴.

¹ SAYAD, A. La double absence : Des illusions de l'emigré aux souffrances de l'immigré. Éditions du Seuil, 1999, p. 61, 62.

² GLISSANT, Édouard. Poética de la relación. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017.p.25.

³ GLISSANT, Édouard. Poética de la relación. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017.p.135.

⁴ GLISSANT, Édouard. Poética de la relación. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2017.p.137.

Narrar a história: a memória como arquitetura

Carla Alessandra Cursino



Em dezembro de 2017, em minhas errâncias pelo mundo, tive a oportunidade de visitar a cidade de Istambul. O que mais me encantou na capital turca não foram suas majestosas mesquitas ou seus palácios imponentes, tampouco suas vivas cores ou a sonoridade da língua turca, que eu ouvia nas ruas, nas praças, no metrô. O lugar que criou marca em mim foi um museu, o Masumiyet Müzesi, ou Museu da Inocência. Este não é um museu comum. Em nada lembra o Louvre, a Galleria degli Uffizi, o Oscar Niemeyer (para falar de algo da minha cidade de morada, Curitiba) ou qualquer um desses museus que contam aquilo que alguém elegeu como História, com h maiúsculo. Este é um museu que fala sobre nós.

De residência a morada

Bruna Pupatto Ruano



*“Tudo o que não
escrevi/esqueci/
e é isso agora que
me escreve.”*

Este é um verso de Adonis, poeta sírio, cujos conterrâneos são um dos maiores grupos de refugiados que chegam ao Brasil. Partimos de suas palavras para propor o projeto *Narrativas: Exílios e Encontros*. Nosso objetivo foi proporcionar uma nova experiência de refúgio a indivíduos que se viram obrigados a abandonar suas línguas, sua morada, seu país em busca de uma possibilidade de vida. Dessa vez, contudo, migraram em si mesmos – encontraram refúgio em suas memórias, em suas trajetórias, em suas identidades, em suas culturas.

Para isso, Gloire, Maiker, Myria, Ninoska e Russel – sujeitos que atravessaram diferentes fronteiras – foram convidados a participar, por quatro semanas, de residências artísticas que inspiraram a imersão em si próprios e a criatividade. Nessas residências, o corpo físico, o emocional e a voz se reencontraram com os caminhos que os trouxeram de seus países de origem até este novo território de estranhezas, mas também de recomeços. Mas foram ainda mais longe, até a infância, onde contaram e cantaram suas famílias, amigos, culturas, brincadeiras. E contemplaram a si próprios no futuro. Frequentaram espaços que lhes pertencem e materializam sonhos. Como não se percorre caminho algum só, nossos andantes estavam acompanhados nessa jornada por Bruna Ruano e Carla Cursino, professoras, Alexandre Zampier, ator, Elaine Schmitt, psicóloga, e Brunno Covello, fotógrafo.

Exílios e Encontros: histórias, memórias e afetos

Elaine Schmitt



*“meu coração de polaco voltou
coração que meu avô
trouxe de longe para mim
um coração esmagado
um coração pisoteado
um coração de poeta.”*

Paulo Leminski

Migração. Refúgio. Desterro. Expatriação. Exílio. São significantes que localizam para os sujeitos e na cultura o movimento de sair da terra de origem, atravessar fronteiras e buscar outro lugar de pertencimento, onde a vida seja possível. Reconhecer os migrantes como sujeitos de desejo, mas também de histórias, memórias e cultura é um primeiro movimento para o acolhimento.

Ninoska

Nascida em Caracas, num tempo próspero da Venezuela. Vinda de uma grande família, sempre se dedicou aos estudos e à música. Conheceu a música logo cedo em sua vida. Estudou Direito, destacando-se com a nota mais alta da turma. Mas deixou os estudos para se dedicar à música. Trabalhou com grandes artistas venezuelanos, nas melhores casas de show de Caracas. Casou e teve três filhos no país de origem. Teve uma carreira linda na música, que a acompanha até hoje em sua jornada. Também foi empresária e trabalhou com publicidade na Venezuela. Começou a migrar por amor, mas decidiu a migração por conta da condição de violência de seu país. Depois de algum tempo aqui no Brasil, pediu ajuda à irmã, cientista norte-americana reconhecida mundialmente, para trazer os filhos. Aqui a família se organiza para viver e trabalhar. Diz que sua missão nesta terra é divulgar o valor e o ritmo da música e da cultura venezuelanas para o Brasil. Aqui já se apresentou em vários lugares e tem um projeto musical em curso. É muito intensa, cheia de vida e acompanha sua família todos os dias. Diz que a migração já estava na sua raiz, desde a vinda de avós europeus e latino-americanos para seu país de origem. Hoje povoa o Brasil com sua família e, esperamos que em breve, com sua música. EMPATIA e COMPAIXÃO foram as palavras escolhidas para falar de sua adaptação ao Brasil e de seu futuro aqui. Que venham muitos shows, Ninoska!

Russel

Nascido no Haiti, numa bela cidade litorânea, desde pequeno é atravessado em sua história pelo encontro com o mar. Vindo de uma grande família (tem dez irmãos!), é filho de educadores e sempre foi um bom estudante. Revela pontos interessantes da educação em seu país: desde o valor de um professor até o cuidado e a cobrança que todas as pessoas faziam para a educação de uma criança. Sempre se interessou por política, o que lhe trouxe algumas dificuldades para viver em seu país. Foi fazer faculdade na capital, Porto Príncipe, o que lhe trouxe maior engajamento nas questões políticas do Haiti, mas também a experiência de viver um terremoto. Relata o terremoto de 2010 como um evento que muda toda a sua vida: tanto pelas mortes que viu quanto pelas novas oportunidades de trabalho que surgiram. Trabalhou muito para ajudar a reerguer seu país da destruição do terremoto. No entanto, em 2013, por conta das eleições presidenciais, foi obrigado a deixar o país. Seu processo migratório foi difícil. A cada fronteira atravessada, encontrou corrupção e exploração: conheceu de perto a indústria da migração. Chegou a Curitiba depois de muitos dias em um ônibus, mas reconheceu em Pinhais algo da sua cidade natal. Fez muitos cursos e trabalhou em diversos lugares aqui no Brasil. Contou com diferentes experiências de trabalho e passou por inúmeras situações de abuso e exploração. Ainda assim, nunca desistiu. E decidiu voltar a estudar numa universidade. Por isso, ingressou na UFPR para estudar Administração. Virou pai no Brasil. Pensa que sua trajetória migrante e suas experiências podem ajudar numa futura carreira política em seu país de origem. Gosta muito de economia, de política e de história. Em sua adaptação no Brasil reconhece muita FLEXIBILIDADE e como palavra para o futuro escolhe ALTRUISMO. Russel, seu futuro é promissor!

Ainda que se tenha dito pouco de tão ricas e intensas histórias, cabe destacar que, de cada uma delas, me restam as marcas do afeto e da pulsão de vida. As memórias aqui contadas traduzem as experiências de vida de pessoas vindas de longe, que para nós eram até então desconhecidas. Que essa busca por encontrar um lugar melhor para viver possa nos ensinar mais sobre a importância dos laços sociais e do acolhimento ao estrangeiro. Em algum lugar do nosso psiquismo, acolher o estrangeiro é dar lugar ao que é o mais familiar de nós mesmos. Que possamos ir do exílio ao encontro com o melhor dos nossos afetos. E que o coração de migrante possa aqui encontrar morada!



Elaine narra suas palavras sobre as autoras e os autores de *Narrativas: Exílios e Encontros*. Escute!





Gloire Nkialulendo

CIDADE E PAÍS DE ORIGEM:

KINSHASA, REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

DATA DE NASCIMENTO:

26/08/1992

CHEGOU AO BRASIL EM 2018

MORA EM SÃO JOSÉ DOS PINHAIS/PR



Gloire se
apresenta
brevemente em
português, lingala
e francês.



Maiker Luis Gutierrez Linares

CIDADE E PAÍS DE ORIGEM:
VALENCIA, VENEZUELA

DATA DE NASCIMENTO:
20/07/1994

CHEGOU AO BRASIL EM 2019
MORA EM CURITIBA/PR



Maiker se
apresenta
brevemente.
Ouça





Myria Tokmaji

CIDADE E PAÍS DE ORIGEM:
ALEPPO, SÍRIA

DATA DE NASCIMENTO:
06/11/1990

CHEGOU AO BRASIL EM 2013
MORA EM CURITIBA/PR



Myria se
apresenta
brevemente em
português e em
árabe.



Ninoska Viviana Pottella Cabrerera

CIDADE E PAÍS DE ORIGEM:
CARACAS, VENEZUELA

DATA DE NASCIMENTO:
25/09/1966

CHEGOU AO BRASIL EM 2011
MORA EM CURITIBA/PR



Ninoska se
apresenta
brevemente.





Russel Cerilia

CIDADE E PAÍS DE ORIGEM:
PETIT-GOÂVE, HAITI

DATA DE NASCIMENTO:
29/05/1985

CHEGOU AO BRASIL EM 2013
MORA EM PINHAIS/PR



Russel se
apresenta
brevemente
em português,
crioulo haitiano
e francês.



CAPÍTULO

1

Descobrimo
a criança

*De onde a partida embala sua bagagem e parte, a distância diminui para nos
aproximar um do outro..*

Daqui dei meu primeiro passo, e por seus olhos estou lutando.

*No amor, não meça as coisas de acordo com a sua realidade e seus sentidos. Fale
silenciosamente sobre o que está em sua mente.*

Valorize sua presença na mente dos outros.

Então, como qualquer cavaleiro, pegue sua arma e lute.

*Nem tudo pelo que o bravo cavaleiro passa é uma história que é contada,
nem todas as conquistas que ele tem contra seu inimigo e seu coração são ditas ou
escritas.*

Mas o que fere a alma é a história.

E a grande vitória é a vitória sobre si mesmo.

*Você pode sonhar, após esta vitória, com um beijo, e você terá força, imortalidade
e prazer como Hércules apenas se você perceber sua prosperidade e sua miséria, se
você puder viajar sozinho para o desconhecido e somente para a dor que pode fazê-lo
melhor. Não ame uma fugitiva e não segure seu braço para salvá-la de sua dor.*

من حيث يحزم الرحيل أمتعته فيغادر تصغر المسافة لنقترب. من هنا خطوتُ أولى خطوتي ولا جل

عينيك أحارب ...

في الحب إياك أن تقيس الأمور على غرار واقعك و حواسك. تكلم بصمت عما يدور بخاطرك قيم

حضورك في ذهن غيرك .. ثم كأني فارس احمل سلاحك وقاتل ...

ليس كل ما يمر به الفارس المغوار حكاية تسرد ولا كل انجاز له على عدوه وقلبه يقال ويكتب ...

لكن ما يؤلم الروح هو الحكاية .. والانتصار الكبير هو الانتصار على الذات ...

يمكنك أن تحلم بعد هذا الفوز بقبله , وان تحظى كهركليز بالقوة والخلود والمتعة .. فقط إذا أدركت

رجاحتك وبؤسك إذا استطعت حالما أن تسافر إلى المجهول وحدك فقط هو الألم من يستطيع

صناعتك لتكون أفضل. إياك أن تعشق هاربة وإياك أن تمسك ذراعها لتنتشلها من ألمها

Gloire



FR Mon enfance

Je me rappelle bien de cette chanson "bébé moko" quand ma mère la chantait pour mes petites sœurs et mon frère Van puisque moi-même étant bébé je ne pouvais pas me rappeler des moments où elle la chantait pour moi. Mais ma mère disait toujours qu'elle a chanté cette chanson pour tous ses enfants y compris moi quand je pleurais. La traduction de la chanson c'est: petit bébé qui t'a tapé, dit le moi, pour que je la tape en retour, peut être que tu t'étais cogner au mur de la maison, wa wa bébé, bébé l'enfant à sa maman...

Mes parents m'aiment, et ils m'ont bien éduqué, ils ont pris soin de moi dès l'enfance, j'ai grandi dans l'amour et la discipline. Comme on dit, "qui aime bien châtie bien". Cela me rappelle un jour de la proclamation des résultats scolaires de l'école maternelle, mon père m'avait accompagné à l'école pour voir les résultats et en route il m'avait acheté plein des trucs, des bonbons, des biscuits, j'étais tellement heureuse puisque sortir avec papa c'était toujours super, il faisait tout pour nous rendre heureux, mais le lendemain matin, mon frère aîné, mes sœurs et moi, avons mangé la nourriture de papa sans lui demandé au préalable, et il nous a punis en nous laissant à genoux, les mains en l'air, durant plusieurs heures. Mais

il ne nous frappait pas, c'est maman qui punissait en frappant mais papa nous grondait ou nous agenouillait. Un autre souvenir, c'est quand on allait vers lui pour nous aider à faire nos devoirs de l'école, il nous prenait presque toute la journée, pour nous expliquer surtout la mathématique, il m'expliquait la supériorité et l'infériorité en utilisant le Z et je voyais les autres enfants jouer mais moi j'avais le droit de le rejoindre seulement jusqu'à ce que je comprendrais. Or, mon souci à moi était juste qu'il puisse m'aider à résoudre mes exercices et non faire tout un cours de rattrapage à la maison. Aujourd'hui je suis en train d'écrire tout ça avec un très grand sourire au visage et plein d'émotion de revivre vivement ce souvenir.

Quand j'étais enfant, j'avais des camarades de classe, mais à la maison j'avais peu d'amis puisque mes parents ne me laissaient pas sortir pour jouer dehors avec les autres, mais je me rappelle quand même de quelque fois où je sortais en coulisse, sans demander la permission je rejoignais mes voisines. La plupart de temps on jouait entre sœurs, mes petites sœurs et moi, rarement avec ma grande sœur Laetitia puisqu'elle était déjà adolescente. Je me rappelle tout de même de certains amis de l'école et du quartier. Quand on habitait encore dans une maison louée, sur l'avenue Ndembo au quartier 13, je me rappelle d'avoir eu deux voisines amies Olive et Evodie et à l'école j'avais Mayembo, Ngiaba Falone, Mbala, Lukeba, Adasa, Panchmie Nzialu, Ndembu Elias, falando de Ndembu, uma coisa engraçada, o sobrenome nome dela significa "cebolinha" em português. Mais quand nous étions dans notre maison à Kumbi, na vizinhança eu tinha só uma

amiga, seu nome era Armeline Kiese. On jouait au jeu ndika, jeu orphelin, et kede. Quand j'avais atteint l'âge de 13, 14 ans, j'étais toujours amie avec Armeline mais à l'école j'avais Fanny Mukaji, Barbel Molongia, Younes Samba.

Concernant le jeu joué dans mon enfance, ce qui a marqué le plus ma mémoire et que j'aime bien c'est le kede ou dallas, cache-cache.

J'ai eu le privilège d'avoir une enfance active, c'était une vie normale comme tout enfant le mérite, les jeux, les études, l'harmonie familiale, tout y était. Mais là je parle plus de mon enfance, de ma famille, de mon quartier, de ma commune, et bien sûr de certaines réalités des enfants vivant dans la ville de Kinshasa, puisque ce n'est pas le cas partout dans le pays. Il y a dans d'autres coins du pays d'où certains enfants ne vont pas à l'école par manque des moyens, la plupart des écoles sont payantes, même les écoles publiques étaient payantes avant 2019, l'année où le président de la république décida d'appliquer la gratuité à l'enseignement primaire. La formation diffère aussi d'une école à une autre, mais le programme d'enseignement est unique. Les enfants vont à l'école en uniforme bleu et blanc. Comme moi j'étudiais dans une école privée, on s'habillait en tenue civile à la crèche et l'uniforme bleu et blanc une fois arrivée au primaire. Dans certains endroits en RDC, on retrouve même les enfants dans la rue, sans abris ou, encore, les enfants dans des rebellions et groupes armés (les enfants soldats) dans certaines villes. Les enfants sont obligés de travailler pour aider leurs parents à subvenir à leur besoin quotidien.

PT Minha infância

Lembro-me bem desta canção, “Bébé moke”, quando minha mãe a cantava para minhas irmãs e meu irmão Van, porque eu mesma enquanto bebê não podia me lembrar dos momentos em que ela cantava para mim. Mas minha mãe dizia sempre que ela cantava esta canção para todos os seus filhos, mesmo para mim quando chorava. A tradução da canção é: “Bebezinho, quem te bateu, diz pra mim, para que eu bata de volta, talvez você se bateu no muro da casa, wa wa bebé, bebé, o filho de sua mamãe”.



Gloire canta a música de sua infância, “bébé moke”. Ouça a canção.



Meus pais me amavam, e eles me educaram bem, eles cuidaram de mim desde a infância, cresci no amor e na disciplina. Como se diz, “quem ama bem, disciplina bem”. Isso me lembra do dia dos resultados da escola primária, meu pai me acompanhou à escola para ver os resultados e no caminho ele tinha me comprado um monte de coisas, doces, biscoitos. Eu estava tão feliz porque sair com papai era sempre legal. Ele fazia tudo para nos deixar felizes, mas no dia seguinte, pela manhã, meu irmão mais velho, minhas irmãs e eu comemos a comida do papai sem pedir, e ele nos puniu nos deixando de joelhos, com as mãos no ar, durante várias horas. Contudo, papai não nos batia. Era a mamãe que punia batendo, mas papai nos repreendia ou nos fazia ajoelhar. Uma outra lembrança é a de quando íamos até o papai para que ele nos ajudasse a fazer o dever da escola. Ele ficava com a gente o dia todo, para nos explicar a matemática, ele me explicava a superioridade e inferioridade utilizando o Z. Eu via as outras crianças brincando, mas eu podia encontrá-las somente quando já tinha entendido a lição. Contudo, minha preocupação era somente que ele pudesse me ajudar a resolver meus exercícios e a não fazer o curso de reforço em casa. Hoje estou escrevendo tudo isso com um grande sorriso na cara e com muita emoção por reviver esta lembrança.

Quando era criança, tinha amigos na escola, porém em casa tinha poucos amigos, pois meus pais não me deixavam sair para brincar com os outros. Lembro-me, todavia, de que algumas vezes eu saía pelos fundos, sem perguntar se podia, para encontrar minhas vizinhas. Mas na maior parte do tempo nós brincávamos entre irmãs, minhas irmãs e eu, raramente com minha irmã mais velha, Laetitia, pois ela era já adolescente. De toda maneira, recordo-me de certos amigos da escola e do bairro. Quando vivíamos ainda em uma casa alugada, na avenida Ndembo, no bairro 13, lembro-me de ter visto duas vizinhas que viraram amigas: Olive e Evode. Na escola, eu tinha Mayembo, Ngiaba Falone, Mbala, Lukeba, Adasa, Panchmie Nzialu, Ndembé Elias. Uma coisa engraçada sobre Ndembé: o sobrenome dela significa “cebolinha” em português. Mas quando fomos para nossa casa própria, em Kumbi, eu só tinha uma amiga na vizinhança. Seu nome era Armeline Kiese. A gente brincava de ndika, “jogo órfão” e de kede. Quando cheguei à idade de 13, 14 anos, estava sempre com minha amiga Armeline. Porém, na escola eu tinha amizade com Fanny Mukaji, Barbel Molongia, Younes Samba.

A respeito das brincadeiras de minha infância, a que mais marcou minha memória e de que gosto bastante é o kede ou dallas, esconde-esconde.

Tive o privilégio de ter uma infância ativa. Foi uma infância normal, como toda criança merece, com brincadeiras, estudos, harmonia familiar, tinha de tudo. Falo, no entanto, mais da minha infância, da minha família, do meu bairro, da minha comuna, e obviamente, de algumas realidades das crianças que vivem na cidade de Kinshasa. Uma vez que meu caso não representa a infância em todos os lugares no país. Em outras cidades, algumas crianças não vão à escola por falta de dinheiro. Devia-se pagar pelo ensino, mesmo nas públicas (isso antes de 2019, o ano em que o presidente da república decidiu aplicar a gratuidade ao ensino primário). A formação difere também de uma escola à outra, embora o programa de ensino seja único. As crianças vão à escola de uniforme azul e branco. Vestia-se traje civil na creche e o uniforme azul e branco assim que se chegava ao primário. Em alguns lugares da RDC, existem crianças na rua, sem abrigo. Há, ainda, crianças nas revoltas e em grupos armados (as chamadas “crianças-soldado”). As crianças são obrigadas a trabalhar para ajudar seus pais em suas necessidades cotidianas.



Maiker



ES Hablar de la infancia será siempre como obtener un pasaje de vuelta a lo que fue. Mi infancia estuvo dividida siempre, dos realidades un tanto diferentes, como hijo de padres separados había siempre un contraste entre los días de colegio y las actividades durante el periodo de vacaciones; por lo general no había mucho tiempo entre el fin del periodo escolar y los viajes para el interior del país, esto pues era la única forma de no estar tanto tiempo solo en casa ya que mi mamá trabajaba todo el día.

Normalmente viajaba a casa de mi abuela: era muy divertido, pero de alguna manera también esos viajes traían un toque de nostalgia, sentía mucha falta de mi casa, la casa en la que vivía con mi mamá en Valencia, y es que de cierta manera y aunque parezca un poco extraño, a pesar de disfrutar mucho de la compañía de mi abuela siempre hubo algo que no me hacía sentir tan cómodo allí, quizá cosas mías o producto de mi personalidad.

Mi familia, como cualquier familia del interior en Venezuela, siempre fue muy conservadora, adecuados a lo que les fue enseñado de generación en generación, y en algunos casos eso no tenía sentido para mí - claro que siempre intenté adaptarme a lo que me habían enseñado que era correcto, pero escuchar frases del

tipo "compórtate como un hombre", "habla como un hombre", "camina como un hombre" y cosas de ese estilo no son agradables para un niño, y al final siempre me cuestionaba ¿qué es ser un hombre?.

Me acuerdo con mucho cariño de cuando jugaba con mi prima en el patio de la casa de mi abuela. Era muy divertido tener contacto directo con la tierra, intentar construir un plato a partir de tierra, agua y algunas hojas arrancadas de las plantas que adornaban la cerca que separaba el patio de nuestra casa de la casa vecina. Era muy divertido llenarse todo el cuerpo de tierra e intentar decorar de una forma bonita cada "alimento", escuchar a mi abuela decir que no era correcto ensuciarse de esa forma - son memorias que adornan lo que alguna vez fue mi infancia... Cuando pienso en lo que fue esa época consigo dibujar una sonrisa en mi rostro, definitivamente fue una época en donde lo más simple conseguía hacerme sentir completo.

De mi período escolar tengo memorias diversas. A pesar de siempre haber sido un niño tímido, nunca me faltaron opiniones fuertes y posturas firmes; creo que la rebeldía es algo natural en mí desde la infancia, quizá porque fue la forma que encontré para hacer valer mis pensamientos y alejarme lo máximo posible del tradicionalismo impuesto por una sociedad tan cerrada como lo es la venezolana, claro que eso solo pude entenderlo algunos años después.

Recuerdo con mucho cariño una canción muy especial, "La vaca mariposa", era con la que mi mamá me dormía junto a mis hermanos, y después yo se la cantaba a mi hermano José (en este punto de mi vida esa memoria se transforma en nostalgia). Esa nostalgia es importante, por lo menos para mí, durante esos minutos de música conseguí recordar la importancia de ese Maiker que alguna vez fue un niño y que en algún lugar dentro de mí continúa estando presente. Conectar con ese tipo de experiencias hace posible encontrar cierto equilibrio entre lo que somos y cómo llegamos a serlo: la música consigue este tipo de efecto.

ES Família

El concepto de familia cambia de acuerdo con cada uno. Yo personalmente creo en un concepto más amplio, o por lo menos mucho más amplio que apenas un lazo biológico que depende de con quien compartimos nuestros material genético.

Mi familia biológica se compone de personalidades y costumbres diferentes, esto debido a las características propias de cada región de las cuales son oriundos. Mi familia paterna es de origen llanera, con características propias de las costumbres de esta región del país, y mi familia materna tiene un origen mixto, pero predominan las características propias de los Andes venezolanos. Claro que crecer en medio de esa diversidad cultural acaba siendo muy enriquecedor, ya que me permitió adoptar costumbres de lugares muy distintos.

Con mucho cariño consigo pensar en las formas en cómo nuestras familias ejercen gran influencia sobre lo que somos, después de todo como seres humanos somos una suma de nuestras experiencias sumadas a nuestro entorno. Como mencioné anteriormente mi familia es predominantemente femenina, siendo las mujeres mi principal referencia, todas ellas con características y personalidades diferentes, pero con algo en común: un gran amor y un sentido de familia bien desarrollado. Esto me hace sentir muy afortunado. Durante casi toda mi vida el contacto con mis tías (hermanas de mi padre) siempre fue muy cercano, de cada una de ellas aprendí cosas diferentes; con especial cariño guardo los consejos de mi tía Evelin, siempre atenta y dispuesta a ayudar, las conversaciones con mi tía Angelica los fines de semana mientras tomábamos un café o cuando le pedía que preparara "arepitas dulces" o su tradicional "pasta con carne molida". De mi tía Mayde recuerdo su entrega y compromiso a cada persona que le pidiese ayuda, en definitiva una de las personas mas nobles que conocí en toda mi vida – hoy no nos acompaña físicamente, y ese es hoy uno de esos recuerdos que duelen, principalmente cuando piensas en el hecho de que no pudiste darle el último adiós o acompañar a tu familia en la despedida. Mi abuela Carmen siempre presente, siempre imponente, intentando de todas las formas posibles servir y agradar a todo el mundo, cuánta admiración es posible sentir por una persona, creo que nunca tendré palabras para describir el amor que ella representa para mí, y creo que para el resto de mi familia; incluso hoy en día después de casi 30 años, una videollamada con ella me transporta a mi niñez, escucho su voz cálida y su acento característico de

una mujer llanera y de forma casi inevitable se dibuja una sonrisa en mi rostro, como me gustaría abrazarla de nuevo, sueño con ese día. Otra mujer importante en mi vida es Diana, mi prima casi hermana, o como yo la llamo de forma cariñosa y a manera de chiste, "mi mujer". Diana representa para mí todo el cariño, admiración y respeto que puede estar implícito en una hermandad, sus lágrimas el día de la despedida aún están grabadas en mi mente, y es que si alguien estuvo presente durante mi infancia fue ella, fueron demasiados momentos vívidos, muchas historias compartidas, mucho vínculos inquebrables: una complicidad extrema, y la seguridad de saber que incluso sin estar de acuerdo en todo siempre vamos a estar allí el uno para el otro.

Familia no es familia sin padres y hermanos. No podría contar mi historia sin mencionar a mi madre, y es que ella es la gran autora de todo lo que yo pueda llegar a ser. Marisol del Carmen, mientras escribo su nombre mis ojos se llenan de lágrimas, es que no hay una persona en el mundo a la que ame más, y sé que el sentimiento es totalmente recíproco. Mi madre fue y sigue siendo mi todo, siempre dispuesta incluso cuando no entendía mi proceder, trabajó tan duro para hacer de mi y de mis hermanos lo que hoy somos, sin duda alguna y nunca serán suficientes las palabras para agradecer todo el trabajo y los sacrificios que implica ser madre soltera y garantizar que yo pudiese tener las herramientas necesarias para convertirme en una persona llena de valores. Mi padre, aunque casi toda mi vida estuvo ausente, también ocupa un lugar especial; honestamente creo que jamás voy a llegar a entender sus motivos, sin embargo no es mi papel juzgar su proceder – en este punto de mi vida, para él solo mis palabras de gratitud porque de alguna manera su ausencia también hizo que entendiese mejor el papel de un hombre en la sociedad moderna, y que valorase mucho más el esfuerzo y el empoderamiento femenino.

Mis hermanos de ligación directa, Carlos, Junior y José, con sus personalidades diferentes y contrastantes, cada uno de ellos tuvo un papel importante en mi historia, desde aprender a compartir hasta hacerme entender que cada uno hace lo que mejor le parece con lo que recibe. José llegó en un momento crucial, llegó para enseñarme la fragilidad de la vida y cómo es posible amar y desarrollar el sentido de protección de manera tal que lo más importante pase a ser la sonrisa en la cara de un niño: hasta el día de hoy José es una de mis grandes motivaciones, poder ofrecerle oportunidades para que él sea capaz de hacer

elecciones conscientes; nunca pretendí ser inspiración para nadie, sin embargo espero que un día él pueda ver en mi algún punto de referencia.

Diferente de lo que las personas piensan hoy día, no tuve una infancia perfecta o con todos los recursos a mi favor, cada pequeña conquista implicó un gran esfuerzo, siempre intentando hacer lo mejor posible para que valiese la pena y pudiese honrar cada ventaja concedida por mis tías, mi abuela o mi mamá. Situaciones como comenzar desde cero, incluso sin casa después de la separación de mis padres, hizo y hace hasta hoy que las ganas de salir adelante siempre prevalezcan en mí.



La vida en Venezuela

Niñez

Mi vida en Venezuela siempre estuvo marcada por grandes contrastes. Durante los primeros años, mi infancia transcurría como la vida de cualquier otro niño, una rutina normal donde asistía a la escuela de lunes a viernes desde las 7 de la mañana hasta las 12 del mediodía, para luego practicar alguna actividad casi nunca relacionada con el deportes (nunca fui un niño muy fanático de las actividades deportivas, recuerdo solo haber practicado natación durante algún tiempo – de forma general siempre tuve más proximidad con actividades artísticas). Recuerdo con un afecto especial los domingos, un día en que generalmente no había muchos planes, sólo conversar y desayunar casi siempre todos juntos: una de las pocas oportunidades de pasar un tiempo medianamente largo con mi mamá, pues como mencioné anteriormente ella trabajaba la mayor parte del tiempo fuera de casa.



Maiker canta a canção de ninar venezuelana “La vaca mariposa”.



Adolescencia

La primera parte de mi adolescencia en Venezuela recuerdo haberla pasado estudiando, siempre me gustó, inventaba formas autodidactas para aprender cualquier cosa que la situación financiera no me permitiese aprender de manera formal. Fui un adolescente de pocos amigos, pero buenos, en su mayoría amistades que conservo hasta el día de hoy. No fui el típico adolescente venezolano que frecuentaba muchas fiestas o tenía muchísimos conocidos, por el contrario, durante esa época era muy solitario, incluso porque mi orientación sexual no era bien aceptada en el círculo social que frecuentaba. En el colegio no estaba bien visto un adolescente con actitudes y comportamientos un tanto afeminados. Incluso recuerdo que una profesora por la cual yo sentía mucho cariño llamó a mi mamá para decirle que necesitaba llevarme a un psicólogo pues yo estaba comenzando a presentar “desviaciones”. ¿Cómo se dice algo así de un niño de 12 años? es algo que aun no entiendo, sin embargo no era poco frecuente escuchar este tipo de comentarios, quizá por la falta de conocimiento o incluso por la hipocresía que reina en países como Venezuela, donde vivir o formar parte de una familia donde no hay figuras paternas representativas es normal, pero un joven homosexual representa un gran problema para la sociedad.

Mi adolescencia en Venezuela también estuvo cargada de grandes responsabilidades, responsabilidades propias de quien debía trabajar por su futuro o para tener acceso a ciertas cosas normales para otros, pero que para mí constituían un gran privilegio. Casi siempre cuando alguien me pregunta sobre mi educación en Venezuela existe una respuesta programada que hace parecer que todo fue muy simple, muy fácil, pero la verdad es que no fue así, siempre fui yo quien debió preocuparse por la calidad de la educación que estaba recibiendo, incluso hasta el punto de llegar a casa y pedir que me cambiaran de colegio porque no estaba aprendiendo lo suficiente. Fue en

ese momento cuando tuve la necesidad de conversar con mi tía Evelin, porque para mí un cambio de escuela (para otra mucho más cara) representaba algo importante para mi vida. No faltaron cuestionamientos, pero creo que ella entendió bien mis motivaciones y me propuso trabajar durante los fines de semana para costearme una mejor educación: por eso y por muchas cosas más siempre le estaré infinitamente agradecido, pues me enseñó el valor del trabajo como agente de cambio. Siendo sincero la rutina era un poco desgastante, nunca me quejé, tenía claro cual era mi objetivo y no podía descuidarlo (aunque reconozco que con 14 años me hubiese gustado viajar o hacer planes con mis amigos durante el tiempo libre).

Fue también en la adolescencia que terminé la secundaria, y con 16 años entré en la universidad. En Venezuela la forma de ingreso en la universidad es bastante diferente a la de Brasil, allí se evalúa el rendimiento general del estudiante durante toda la educación media, para que después alguna de las universidades te ofrezca la oportunidad de iniciar tus estudios superiores: esa era la oportunidad por la que yo había estado trabajando durante todo ese tiempo. Siempre tuve interés por el área de salud, sin embargo eso me demandaba varios cambios que en ese momento no podía permitirme, así que comencé a estudiar Administración Comercial en la Universidad de Carabobo – un gran logro, al fin y al cabo se trataba de una de las mejores universidades del país. De cierta forma el objetivo estaba logrado, solo que había algo que no me hacía sentir del todo cómodo con esa decisión. Los meses fueron pasando y aunque en algunos momentos me cuestionaba la permanencia en la carrera. Algo me decía que debía continuar, no era momento para deambular y menos en un país donde la situación cada día se ponía más difícil. Ese ciclo se cerró para mí en 2016, al mismo tiempo en que enfrentar un proceso migratorio se volvía cada vez más una realidad.

Myria



PT

Lembro da música acompanhar toda a minha vida, desde bebê, quando a minha mãe cantava para mim uma linda canção de ninar que transmite no meu ouvido aquela paz bem, bem profunda. Eu fui crescendo e ouvindo a minha mãe sempre cantando em casa e meu irmão tocando o seu instrumento, Al Oud (alaúde). Em qualquer reunião familiar, todo mundo cantava e dançava, e sempre era um ambiente festivo e muito feliz, então nasceu em mim um amor enorme pela música.

Tudo isso me influenciou e fui estudar música aos 8 anos de idade, numa escola bem reconhecida em Aleppo, escolhendo o instrumento mais difícil da banda árabe, o Qanun. Quando completei 10 anos, fui participar numa competição nacional onde precisava ser bem corajosa de deixar a minha família pela primeira vez por 10 dias e ir para uma cidade longe de casa, para concorrer com outros talentos do país, sempre com foco de ganhar. Eu era uma criança que ficava muito motivada quando colocada num ambiente de concorrência. Ainda sou assim e adoro puxar os meus limites para poder conquistar meus sonhos e tudo que desejo realizar.

Depois de ganhar o primeiro lugar por 3 anos consecutivos tocando o Qanun em nível nacional, o prêmio era viajar por 15 dias com um grupo pequeno de talentos do país para a Tunísia e conhecer um novo país e uma nova cultura e, claro, fazer shows culturais lá, que representam a Síria.

Além da música, eu amava desenhar e fazer vários tipos de artesanato, isso graças a minha avó, minha mãe e às mulheres da minha família, que sempre faziam bordados e artesanatos locais lindos, que são umas verdadeiras obras de arte.

Quando penso na minha infância, na Síria, lembro de momentos felizes, onde eu cresci cercada da família, que sempre me apoiava. Lembro das altas risadas que dei com o meu irmão Abed e dos momentos inesquecíveis com meus primos, e todas aquelas memórias de ver meus pais sempre aí presentes, dando total atenção e apoio para a gente.

Eles me ensinaram a ser independente, corajosa e, com certeza, aventureira.






Myria toca
o Qanun,
instrumento
tradicional da
Síria. Ouça.





Myria e sua
mãe, Zuka,
cantam uma
canção de ninar
síria. Ouça.



Ninoska



Yo en la escuela

ES

La escuela donde estudié era pública nacional con muy buen programa y profesores bien comprometidos. Estaba incluida la educación física y artes de manera bien marcante. Pude participar en muchas áreas y destacar, sobre todo en la música. Asistí a clases de Mandolina y Coral. Fui ganadora del reconocimiento y eso fue muy importante para mí, para la escuela y para mi familia. Mi hermana Olga también destacaba en música y por sus excelentes calificaciones.

Tenía muy buenas amigas con quienes compartimos el amor por el arte siendo tan jovencitas. Todo era muy saludable lleno de amor y amistad. Mi hermana Olga siempre muy cerca de mí pues estudiaba un grado menos. En la escuela participaba en eventos de tv en diciembre con canciones de Navidad, era algo hermoso para toda la comunidad. Todas muy lindas vestidas de seda y popelina cantando y tocando instrumentos que aprendimos en la escuela.

Luego pasamos a estudiar el bachillerato en otro colegio de la comunidad que era también público y nacional. Profesores muy comprometidos con la

educación e igualmente con los alumnos. Al salir de la secundaria graduada me tocó trabajar en una empresa multinacional representante de marcas importantes como Disney, Metro Goldwyn Mayer, NBA, NBC, mientras conseguía mi cupo en alguna universidad.

Con el tiempo presenté la prueba en la facultad de Derecho de la Universidad Central de Venezuela y logré el primer lugar en la prueba para la carrera de Derecho. Cursé tres años y logré sacar unas materias pero preferí seguir en la música con una invitación para pertenecer al staff de artistas de la productora del maestro Hugo Blanco de fama mundial por sus composiciones.

También me dediqué a mi propia empresa de publicidad con productos de alto impacto creados por mí y por el padre de mis hijos. Eso es en la época en la que decidimos hacer familia y tuvimos a nuestros amados hijos.

Hoy reconozco que la música ha resultado de gran importancia en mi interacción con el pueblo brasileño y venezolano. Casi todo lo relaciono con la música.

Memórias

“Yo soy rebelde”, de Rosário. Solía cantarla de pequeña para hacerme sentir. Todos adoraban en casa.

Mi juego preferido

Mi juego preferido es uno que invente y le puse el nombre de “Viaje imaginário”. Consistía en hacer que mis hermanos y hermanas cerraran los ojos y yo los paseaba por diferentes lugares hermosos de manera imaginaria. Todos nos divertíamos mucho.

Russel



PT O Berço

Eu me chamo Russel Cerilla, sou haitiano, nasci em Petit-Goâve, com meu pai diretor da escola pública, mãe professora de ensino médio e com meus dez irmãos. Fiz ensino médio na escola pública, sempre tive interesse em política e literatura, obviamente esse interesse foi criado pelos meus pais. A minha infância foi marcada em grande parte pelas leituras, debate político, jogo de futebol e na praia, porque a casa do meu pai é bem perto do mar, ou seja, a alguns minutos da praia.

FR Petit-Goâve est une petite ville où tout le monde connaît tout le monde. À Petit-Goâve, chaque quartier a sa spécificité. J'ai grandi à La Hatte, dans la grande maison de mes parents. C'est un quartier qui se trouve un peu au nord de la ville. Nous avons beaucoup de manguiers, et les gens nous appellent "Nèg La Hatte, Nèg Mango" pourtant, je dois avouer qu'on avait aussi une influence très forte dans la politique de la ville. Aussi, des activités comme la littérature, la lecture, le sport, faisaient toujours partie de notre quotidien.

Dans la cité Soulouquoise, à l'époque, la vie d'un enfant était quelque chose de merveilleuse. On s'accroche aux belles plages, à jouer au foot pendant les vacances d'été, aux fêtes champêtres particulièrement celle de Notre Dame, qui a lieu tous les 15 août. En plus, un enfant de Petit-Goâve, c'est un enfant "Dous Makòs", le principal produit artisanal culturel de la cité soulouquoise.

D'une manière générale, un enfant en Haïti c'est quelqu'un de très heureux en termes d'accompagnement. Il a beaucoup d'amis pour se divertir et passe la plupart de son temps à la plage parce qu'en général presque toutes les villes, en Haïti, sont des villes côtières. D'autre part, un enfant haïtien invente toujours, autrement dit, un enfant en Haïti utilisant les moyens du bord pour transformer en jouets, tout ce qui lui tombe sur la main, faute d'industrialisation du pays. Et donc, on joue avec tout ce qu'on a, bien qu'il y ait pas mal de jeux qui viennent de l'extérieur, aussi.

PT Petit-Goâve é uma cidade em que todo mundo conhece todo mundo. Em Petit-Goâve, cada bairro tem sua especificidade. Eu cresci em La Hatte, na grande casa de meus pais. É um bairro que se encontra um pouco ao norte da cidade. Temos muitas mangueiras, e as pessoas nos chamam "Nèg La Hatte, Nèg Mango" (Gente de La Hatte, Gente de Manga), contudo tenho que confessar que tínhamos uma influência muito forte na política da cidade. Atividades como literatura, esporte, leitura, também faziam sempre parte de nosso dia a dia.

Na cidade de Soulouquoise, na época, a vida de uma criança era maravilhosa. Ficávamos nas belas praias, jogando futebol durante as férias de verão, nas festas do campo, particularmente a de Notre Dame, que acontece dia 15 de agosto. Além disso, uma criança de Petit-Goâve é uma criança "Dous Makòs", o principal produto artesanal cultura da cidade soulouquoise.

De maneira geral, uma criança no Haiti é muito feliz em termos de companhias. Tem-se muitos amigos para se divertir e se passa a maior parte do tempo na praia, pois, em geral, quase todas as cidades no Haiti são costeiras. Por outro lado, uma criança haitiana inventa sempre, ou seja, utiliza os meios disponíveis para transformar qualquer coisa em brinquedo, tudo o que lhe cai na mão, por falta de industrialização no país. E então brincamos com tudo o que temos, mesmo que haja vários brinquedos que vêm do exterior, também.

FR Les premières années de scolarisation

J'ai fait mes premières années de scolarisation dans une école qui s'appelle Pierre Mendès France, située à la rue Bijoux, à côté de l'école des Frères. Je me souviens exactement du moment où j'utilisais les feuilles de mon livre pour en faire des cerfs-volants et en arrivant chez moi mon père et ma mère me sanctionnent toujours parce qu'il fallait chaque jour en acheter un autre. Ce qui veut dire que j'étais très turbulent. Je touchais à tout ce qui bouge et qui était à ma hauteur ou sur mon chemin.

Aujourd'hui mes amis d'enfance sont un peu éparpillés partout dans le monde, il y en a un qui vit en France, aux Etat-Unis, Canada et même au Brésil avec moi et je peux citer: Eddy Duvalsaint, Jean Casimir, Théophile Wilson, James Oscar, Desilme Dorvilias, Jerneus Dorvilias Jacky Laguerre, Yonel Joseph, pour ne citer que cela. Les livres, le foot et la mer étaient notre principaux outils de jeu presque tous les jours.

PT Os primeiros anos de escolarização

Fiz meus primeiros anos de escolarização em uma escola que se chama Pierre Mendès France, situada na rua Bijoux, ao lado da escola dos Padres. Lembro-me exatamente do momento em que utilizava as folhas de meu livro para fazer pipas e, chegando em casa, meu pai e minha mãe me deixaram de castigo porque seria necessário comprar outro. Isso significa que eu era bem turbulento. Tocava em tudo que se move e que era do meu tamanho ou que estava no meu caminho.

Hoje meus amigos de infância estão um pouco distribuídos por todos os lugares. Um vive na França, outro nos Estados Unidos, outro Canadá. Há mesmo quem viva no Brasil comigo: Eddy Duvalsaint, Jean Casimir, Théophile Wilson, James Oscar, Desilme Dorvilias, Jerneus Dorvilias Jacky Laguerre, Yonel Joseph, para citar alguns. Os livros, o futebol e o mar eram nossas principais ferramentas de jogo quase todos os dias.



Mémoires

CH Kòman mwen aprann naje?

Ale nan plaj, byen ke se te tou prè lakay mwen Papa mwen pat janm vle nou ale nan plaj san gid ou san yon moun ki pi gran pase nou pou akonpaye nou paske se te danje, e anpil fwa yo konn jwenn moun mouri nan plaj la prensipalman timoun. Alòs ke mwen, depi tout piti mwen se yon moun ki tèt, mwen pa janm aksepte entèdiksyon san esplikasyon aprofondi. Mwen ak Carl Henry, ak Dominique nou te konn al nan plaj chak jou e san pèmisyon papa mwen ak manman mwen, se la nou vin konn naje paske nou pratike anpil e mwen te pi fò nan nou tout, epi yon jou nou ale nan plaj ak tout moun lakay mwen, papa mwen wè mwen konn naje epi li di, apa Russel konn naje? Se konsa mwen lòt medam yo ki te la di pa gen lòt posibilite, Russel konn naje paske li vini nan plaj la sa pèmisyon ou san nou pa konnen. Epi kou nou retounen lakay, papa mwen bat mwen paske mwen konn naje san li pa konnen e se danje mwen ta ka mouri san li pa konnen tou.

FR Ma chanson préférée de mon enfance

Musique il y en a pas mal, par exemple, le fameux groupe de King-Posse avec pas mal d'album dans ses titres comme Abandone, Baz nòm, etc. Et on peut citer aussi le groupe Original Rap Staff avec le Top Adleman qui était au Brésil récemment avant la covid pour un show.

Tout le monde chante. La musique dégrasse l'âme. On chante pour s'évader, oublier, songer, s'adapter, s'exprimer; c'est une manière de voyager. Chanter une musique qu'on avait l'habitude d'écouter pendant notre enfance est toujours, pour moi, un moyen de survoler cette époque de ma vie. Bien sûr qu'il existe plusieurs façons de voyager, on peut voyager aussi à travers le sourire d'un ami de longue date, ou à travers un livre qu'on a lu à une belle époque. Il y a cette chanson un peu triste de ce groupe très branché à l'époque; "Abandone", qui me fait remonter jusqu'en 2010, à chaque fois que je l'écoute. J'ai travaillé dans une ONG américaine, dans un projet de nutrition et je me rappelle exactement, lors de mes visites dans les cliniques médicales, on recevait les enfants, que je m'amusais toujours à les prendre dans mes bras, à jouer avec, à essayer de jouer le rôle de père. Puis, chanter, d'une certaine manière, me rappelle la naissance de mon fils, en 2016. Je le prenais dans mes bras pour le faire taire à chaque fois qu'il n'arrivait pas à dormir. Je chantais pour lui et il s'est calmé. Ça marchait toujours.

Memórias

PT Como eu aprendi a nadar

Ir à praia, mesmo sendo próximo de minha casa, era algo que meu pai não queria que a gente fizesse sem guia ou sem uma pessoa mais velha para nos acompanhar, porque era perigoso, e muitas vezes são encontradas pessoas mortas na praia, principalmente crianças. Mas eu, desde bem pequeno, sou uma pessoa obstinada, nunca aceitei uma proibição sem explicação aprofundada. Eu, com Carl Henry e Dominique, nós tínhamos o hábito de ir à praia todo dia, sem permissão do meu pai e da minha mãe. Lá íamos nadar porque nós praticávamos muito e eu era o mais forte de todos, e então um dia nós fomos à praia com todo mundo de casa. Eu estava nadando e meu pai me observava. E então ele disse: O Russel sabe nadar? Assim, as outras mulheres que estavam ali lhe deram uma possibilidade: O Russel sabe nadar porque ele vem à praia sem sua permissão ou sem que nós saibamos. E depois que nós voltamos para casa, papai me bateu porque eu sabia nadar sem que ele soubesse. Para ele, eu poderia estar em perigo e morrer sem que ele soubesse de nada.

Minha canção preferida de minha infância

Música tem bastante, por exemplo, o famoso grupo de King-Posse com vários discos, como Abandone, Baz nòm, etc. E pode-se citar também o grupo Original Rap Staff com Top Adleman, que esteve no Brasil recentemente antes da Covid para um show.

Todo mundo canta. A música limpa a alma. Cantamos para nos evadir, esquecer, sonhar, nos adaptar, nos expressar, é uma maneira de viajar. Cantar uma música que tínhamos o costume de escutar durante nossa infância é sempre, para mim, um modo de habitar esta época de minha vida. Claro que existem várias maneiras de viajar, podemos também viajar através do sorriso de um amigo de longa data, ou através de um livro que lemos em uma boa época.

Tem essa canção um pouco triste de um grupo da moda na época, "Abandone", que me faz voltar até 2010, cada vez que escuto. Trabalhei numa ONG americana, em um projeto de nutrição e me lembro exatamente das minhas visitas nas clínicas médicas. Recebíamos crianças, eu me divertia pegando-as nos braços, brincando, tentando brincar de pai. Depois, cantar, de uma certa maneira, me lembra o nascimento de meu filho, em 2016. Eu o segurava nos meus braços para fazê-lo ficar quieto cada vez que ele não conseguia dormir. Cantava pra ele e ele se acalmava. Funcionava sempre.

CAPÍTULO

2

Quem eu fui /
Quem eu sou

شعر انني اتعافى ، غروب الشمس عاد ليذهلني ، تلك

البيوت القديمة عادت تستفز بداخلي فضولي

اشم رائحة الارض فانتشي ...

وتعود بي تلك النغمات على محطة الراديو لسنوات جميلة ...

ربما كلما تراكم الحزن بقلبي مسحه الامل وعاد ذاك الحرف ليفرض نفسه ثم لأضيع كنقطة في بحر

وانظر في المدا الشاسع لا ابحت عنك هذه المره اضحك خلفي

ابحت عن لحظة يغرب فيها وجعي معك

وها قد وجدتها تلوح لي

واخاف على غير عادتي من يدين يشبهان يديك

عينين كعينيك

ربيع كابتسامتك

ساكف عن مديحك و سأفرض نفسي هذه المرة دفعه واحدة ...

مللت من تجزيئى ما اريد. ثم يهرب بعضي مني .. رويدا رويدا ثم لا اجدني ...

*Senti que estou me recuperando, o pôr do sol voltou para me surpreender, aquelas
casas antigas voltaram, provocando minha curiosidade.*

Sinto o cheiro da terra, em êxtase.

Essas músicas me levam de volta à estação de rádio por belos anos.

*Talvez cada vez que a tristeza se acumule no meu coração, a esperança a apague, e
aquela carta volte a se impor, e então que eu me perca como uma gota no mar*

*E que olhe para a vasta extensão, que não esteja procurando por você, desta vez eu
coloco você atrás de mim.*

Estou procurando um momento em que minha dor vá embora com você

E agora eu a encontrei acenando para mim.

Excepcionalmente, tenho medo de duas mãos que se parecem com as suas,

olhos como os seus,

primavera como seu sorriso.

Vou parar de elogiar você e me impor desta vez de uma vez...

*Cansado de dividir o que quero. Aí alguns de mim fogem de mim... pouco a pouco e
depois não consigo me encontrar...*

Gloire

PT Eu sou Gloire Nkialulendo, africana de nacionalidade congoleza, nascida em 26 de agosto de 1992, em Kinshasa, na República Democrática do Congo. Filha de Dieudonné Kialulendo Vangu e de Marie Rose Nzenza Kavungu. Quarta de uma família de oito filhos. Mestre em Direito no Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD) da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Sou presidente da Associação BOMOKO, "Associação dos Africanos, Estudantes, Profissionais, Refugiados e Migrantes em Curitiba".

Além disso, sou uma mulher forte, uma mulher africana, uma mulher negra poderosa, uma mulher de oração e comportada. *Naza mwasi ya makasi, mwasi ya afrika, mwasi moyindo ya nguya, mwasi ya mabondeli, mwasi ya bwanya*. Sou corajosa, batalhadora, uma líder. O que gosto mais em tudo isso é o fato de ser uma boa mãe, uma boa esposa, uma filha exemplar para meus pais e uma boa irmã para meus irmãos e irmãs. Mas sou ao mesmo tempo uma pessoa muito frágil, sensível, que se afeta com algumas coisas. Também sou uma cozinheira, eu cozinho com amor e com todo o meu coração. Aprendi a cozinhar muito cedo e, na adolescência, eu já tinha uma perfeita maestria da cozinha congoleza. É preciso notar que não é o caso de todo mundo, porque ser uma adolescente completa e empreendedora em meu país depende de uma pessoa a outra e, igualmente, da educação de cada família.

Eu me lembro de ter crescido em um bairro não muito

desenvolvido, mas minha educação não refletia o lugar onde vivia, eu não era como todas as adolescentes de meu bairro. A diferença era tão grande que ninguém acreditava que eu vinha deste bairro. Não era muito turbulenta, não falava muito, era tímida, ao mesmo tempo colérica, mas educada. Não era permitido para mim e minhas irmãs estar fora de casa depois das 18h30. Tenho orgulho de dizer em voz alta que sou do bairro 13 na comuna de N'djili, na cidade de Kinshasa, e tenho igualmente orgulho de ser a filha de meus pais, pois eles nos educaram bem. Nasci e cresci nesse bairro, e, como toda criança, tinha sonhos. Eu queria ser como minha mãe, fazer o curso comercial e trabalhar "na Direção-Geral de Finança", mas depois quis ser jornalista.

Vendo mais tarde a evolução de minha irmã Laetitia no Direito, e sua cumplicidade no debate jurídico em casa com nosso papai, que foi inspetor de polícia judiciária, na promotoria e no Banco Central do Congo, me senti influenciada e minha escolha foi cursar direito.

Contudo, depois dos estudos de Direito, eu queria ser juíza em meu país, queria igualmente ter uma ONG no Congo e no Marrocos para os imigrantes africanos, para poder sustentar as jovens mães solteiras e moças sem perspectivas. Estando eu mesma no lugar delas uma vez na vida, uma jovem mãe solteira no estrangeiro, sei o que é isso.





Gloire entrevista Gloire

O que você pode falar sobre maternidade?

Sobre o assunto de ser mãe solteira e jovem, tenho muitas coisas a comentar, mas aqui vou tentar só resumir a jovem que eu era afetivamente até quando virei mãe. Lembro-me de ter um amigo próximo na idade de 15 anos, porém nada sério, pois não conseguia lidar com esta situação de ter um namorado, visto que meus pais não me deixavam sair. Ele se chama Terrence, ele é meu amigo até hoje. Até a idade de 16, 17 anos, eu tinha me apaixonado apenas por Michael. Estávamos na mesma escola, mas nos separamos algum tempo depois, pois ele se mudou para uma outra província da República Democrática do Congo, para a cidade de Lubumbashi. Aos 18 anos foi minha vez de viajar para o Marrocos. Em todas estas duas relações amigáveis ou afetivas, não tinha ousado atravessar os limites na intimidade, o que quer dizer que não conheci homem enquanto estive na casa de meus pais. Para mim, isso é um respeito por eles. Então, com 20 anos, eu tive minha primeira filha. Já era adulta e nós duas vivíamos em minha casa, mas claro que com o suporte financeiro dos meus pais, pois eu não era ainda totalmente independente.

Qual a principal memória da adolescência?

A principal memória de minha adolescência é a vida com minhas amigas da escola, Fanny Mukaji Mweni, Giancy Wadiayandi, Maguy Mbuya, Prisca Kizyedioko e Blessing M'baz, que hoje tornou-se minha cunhada, pois eu me casei com seu irmão mais velho. Eu lembro também que adorava ir para a igreja para orar. Eu lia muito, a Bíblia e romances. Mas houve um romance que marcou minha adolescência, cujo título é "Os filhos de Soweto". Foi minha mãe que o comprou para mim, mas, uma vez terminado o livro, virei fã. Fala da segregação racial e do regime do apartheid da África do Sul.

Quais foram os pontos mais marcantes da sua vida e que te transformaram na pessoa que você é atualmente?

Falando de coisas marcantes, há 5 pontos de experiências pessoais que mudaram minha vida, me transformaram em quem eu sou.

1. A responsabilidade: Eu escolhi este primeiro ponto porque era uma filha indispensável para minha família, sobretudo para minhas irmãs menores. Já com 9 anos, eu ia à escola sempre atrasada para que minhas irmãs pudessem tomar café da manhã. Eu continuei a fazer a mesma coisa até a adolescência. Além disso, eu tinha toda a responsabilidade financeira da família, pois meus pais tinham confiado a mim a gerência da provisão mensal da casa.

2. Conversas com minhas amigas da escola: A primeira conversa foi com uma amiga que se chama Tabitha Bolangi. Ela tinha me aconselhado a escolher as boas pessoas para confiar – ou seja, na falta de uma pessoa de confiança, é melhor confiar em um bebê, que não repetirá a ninguém o que você disser, ou falar com uma árvore, pois a árvore não tem boca. Isso, em minha língua materna, lingala, se diz assim: *Ko bomba makambu na motema eza bien te, eza mabe makasi mais il faut ko yeba mutu nini oyo o koki ko yebisa makambu na yo, po mokili e beba.*

A segunda conversa foi com Blessing M'baz. Ela me aconselhou a fazer de minha irmãzinha Divine uma confidente, como ela fazia com sua irmãzinha Lisa. Eu era fechada, não tinha ninguém com quem falar das minhas preocupações mais profundas. Em lingala: *Nionso e bandaki ko kufela nga kaká na motema, makambo ya mabe to ya malamu, na bandaki ko loba eloko te ata batu ba tuni nga,* e isso me deixou doente, na komaki ko bela estomac, relembro em lingala. Guardava tudo no meu coração, fossem as coisas boas ou más, não dizia nada a ninguém, mesmo se me perguntassem. É a origem de minhas dores de estômago.





3. O dia que minha irmã me aconselhou sobre a roupa que eu deveria vestir. Minha irmã Laetitia tinha me proibido de sair só de jeans e regata. Ela queria a todo preço que eu colocasse uma camisa. Não sabia o que pensar disso na época, pois era só uma adolescente. Em lingala: *mokolo yango na bakisaki chemise po kaka na sepelisa ye mais na longolaki yango na nzela*. Para resumir a história: eu coloquei uma camisa só para agradar minha irmã. Todavia, uma vez lá fora, na rua, eu tirei a camisa. Levou na verdade vários anos para que eu compreendesse verdadeiramente seu conselho. Hoje minhas roupas fazem minha personalidade.

4. Minha mãe me pedia frequentemente para preparar a mesa para que meu pai comesse. Ela me mandava sempre limpar a casa, ajudá-la na cozinha, sair para buscar gás. Ela me acordava à noite para pegar água, para ter uma reserva em casa. Só que eu não era sua única filha. Com tudo isso, eu comecei a me sentir a menos amada da família, pensava ser maltratada, me perguntava se aquela era minha família verdadeira, se eu era adotada. Eu chorava muito por causa disso. Essa história me fez uma boa esposa, uma boa mãe, uma pessoa trabalhadora, uma boa cozinheira. O que eu não tinha compreendido imediatamente e que hoje vejo é o fato de que eu era a mais amada por minha mãe. Meu nome estava sempre na sua boca, em seus pensamentos.

5. Ser mãe e ser cristã: Quando eu coloquei minha filha no mundo, minha vida mudou completamente. Passei a ver as coisas de outra maneira, me tornei mais responsável do que antes, cresci em idade e em maturidade. Eu me tornei responsável por uma pessoa, por uma vida, tudo deveria mudar no meu cotidiano, principalmente minha maneira de pensar e de fazer. Quanto ao cristianismo, toda minha família é cristã. Minha mãe me mostrou o caminho da igreja e me ensinou a ler a bíblia desde a infância, porém não foi fácil ser sempre uma cristã verdadeira durante a adolescência e na passagem para idade adulta. Depois de meus 18 anos, eu me desviei um pouco do bom caminho. No entanto, em 2015, tudo mudou em minha vida. Eu passei a ser uma verdadeira crente, praticante, serva e espiritual. É de onde vem minha força atualmente, mesmo nos momentos mais difíceis e sombrios de minha vida, tiro minha força do que creio. "Tudo posso naquele que me fortalece".

Gostaria de acrescentar algo a mais?

Considerando tudo que está mencionado nesta obra, hoje eu me reconheço como uma verdadeira guerreira, como uma mulher altruísta, cidadã do mundo e plurilíngue, mas percebi isso só quando eu cheguei ao Brasil. Comecei a cuidar de outras pessoas muito cedo, viajei por 3 continentes e aprendi mais duas línguas. Falo lingala e francês desde minha infância, aprendi em casa e com meus amigos na escola. O kikongo e o swahili, contudo, são línguas que eu não falo, mas tenho um conhecimento elevado delas, as compreendo e posso lê-las, aprendi em casa. Meus pais, meus tios e alguns de meus primos falam swahili, todos cresceram no leste do Congo, onde esta língua é a mais falada. Todavia, meus avós, mesmo meu pai, falava kikongo. Tshiluba eu aprendi com minha amiga Fanny Mukaji na escola, na adolescência e na idade adulta com o pai de minha filha. Está entre as línguas que tive contato, mas não domino, posso só compreender algumas palavras ou frases. A mesma situação se passa com a língua árabe, que praticamente esqueci, só me resta uma compreensão bastante vaga das noções elementares. Quanto ao espanhol, aprendi em Cuba, na escola José Martí, em Havana. Estava no nível intermediário, mas perdi o idioma por falta de prática. Tenho que considerar que o espanhol me ajudou muito nos meus primeiros dias no Brasil, e ainda mais em meu primeiro ano no mestrado da UFPR. Eu ainda não dominava o português, e o espanhol me servia de muleta linguística. Atualmente o português é a minha terceira língua, depois do francês e do lingala. Aprendi assim que cheguei em Curitiba, em 2017. Comecei com o aplicativo Duolingo. Depois, fui ter aulas no projeto PBMIH - Português Brasileiro para Migração Humanitária, da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Reforcei o idioma brasileiro com a prática no Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD) da UFPR.



Gloire conta como suas responsabilidades de menina a tornaram uma mulher responsável.

Maiker

ES En principio creo que para responder esa pregunta debería considerar varios elementos, ¿quien lo pregunta?, ¿en qué contexto?, ¿cuáles son las posibles consecuencias de mi respuesta?. Y es que sí, en definitiva soy muchas cosas y no soy nada al mismo tiempo, soy producto de mis decisiones y también de mis vivencias, soy todo lo que quiero ser y al mismo tiempo puede que no sea nada lo que creo ser.

Cuando pienso en quién soy creo que la pregunta puede tener muchas respuestas y todas ellas condicionadas... puedo ser Maiker, un joven rebelde que está cerca de cumplir los 30 años, ese que nació en una pequeña ciudad en el interior de Venezuela, hijo de padres separados y con poco contacto paterno, que se mudó a los 6 años a Valencia, una ciudad con poco más de 2 millones de habitantes en el centro del país, inicialmente hermano de dos jóvenes más que después de algunos años se convirtieron en tres, hijo de Marisol, una mujer que trabaja a tiempo completo para poder sustentar los gastos de la educación y manutención de sus hijos. Con una gran influencia femenina, pues casi todas sus figuras de inspiración son mujeres, mujeres poderosas que influenciaron en gran manera lo que Maiker es hoy en día, mujeres como sus tías, Evelin, Angelica, Maidelyn, o como su abuela paterna, Carmen Gutierrez, mujeres presentes y con un papel fundamental en la historia de este joven.

Un muchacho que siempre supo que a través de la educación podría llegar a conquistar sus objetivos, que nunca se conformó con lo poco que otras personas pensaron que era suficiente, alguien que con mucho esfuerzo se preparó para entrar en una de las mejores

universidades de su país y que por algún motivo o por otro terminó no sintiéndose identificado con la carrera que escogió al principio, alguien que decidió que la situación política de su país no iba a quitarle las ganas de soñar, y que si ya no era posible continuar soñando en casa sería necesario entonces cambiar de casa, alguien que no se da por vencido a pesar de que las cosas no esten saliendo como lo pensó al principio, alguien que adoptó la resiliencia como su lema de vida, alguien que no se cansa de insistir cuando algo le apasiona... ¿Puedo ser todo eso? sí, y puedo ser también alguien sensible que se preocupa por la forma en cómo sus decisiones terminan afectando a quienes forman parte de su vida, alguien que llora durante una madrugada porque no entiende el contenido de alguna asignatura, y alguien que prefiere contar una historia bonita como resultado de sus experiencias ignorando en ocasiones lo duro que hubiese podido ser el proceso. Puedo ser también alguien que cree en la ciencia y al mismo tiempo no deja de apreciar las experiencias divinas que parten de lo que la ciencia no puede explicar, puedo ser también una persona que siente de forma muy intensa y que se preocupa por hacerle saber a los que están cerca cuán importante son y el lugar que ocupan en su vida, alguien que entiende que a pesar de que pueda pasar muchas horas intentando descubrir quién es tal vez esto acabe no siendo tan útil pues su historia siempre estará sujeta a las impresiones de quien esté leyendo estas líneas pero que a pesar de eso decidió contar una vez más la historias de sus orígenes y cuáles son sus principales motivaciones.

Creo que soy todo eso y un poco más.



Maiker entrevista Maiker



¿Cuáles han sido los momentos más memorables de su vida?

En la vida hay momentos que te definen como persona, momentos en los que, incluso sin saberlo, sabes que algo va a cambiar, esos momentos suceden en cualquier etapa, como definirlos o interpretarlos depende mucho del nivel de madurez que tengas y el contexto en el cual suceden. A lo largo de mi vida he vivido varios de esos momentos, claro que algunos han sido más marcantes que otros y con toda seguridad vendrán muchos más de ellos a lo largo de este viaje al cual llamamos vida:

1. Conversación con mi mamá cuando tenía 8 años:

De esa conversación me queda una frase que guardo conmigo hasta hoy: "todas nuestras acciones generan consecuencias". Esa frase llena de verdad que en su momento no tenía mucho sentido pero hoy en día es relevante cuando pienso en hacer cualquier elección.

2. Conversación con mi mamá cuando tenía 14 años:

Era un día de las madres y era ese tipo de conversaciones que jamás van a salir de tu cabeza. Mi mamá me daba a entender que confiaba en mi criterio y que a pesar de mi corta edad estaba segura de que yo podría asumir ciertas responsabilidades en pro del bienestar de nuestra familia. Claro que con 14 años eso fue fácil de entender, sin embargo después de reflexionar sobre sus palabras entendí que estaba claro que debía prepararme para enfrentar un mundo que no siempre es justo.

3. Situación difícil en las calles de Manaus: En 2016, iniciando un proceso migratorio, me descubrí sin dinero y en un lugar desconocido, lejos de mi gente y de cualquier persona que pudiese ayudar. Sin duda esos meses difíciles en el norte de Brasil me hicieron una persona mucho más fuerte y sobre todo más resiliente.

4. Despedida en el aeropuerto: El día en que me mude definitivamente a Brasil entendí que muchas cosas iban a cambiar en mi vida, que probablemente ya nada sería como antes y que la realidad tal como la conocía nunca más sería la misma, de allí en adelante estaba solo, únicamente me acompañaban los consejos de mis familiares y toda la fe y determinación que alguien pueda tener para comenzar de nuevo. Parece increíble pero esos minutos antes de abordar el avión marcaron de forma determinante la persona que hoy soy.

5. Resultado del Proceso Selectivo de la UFPR: No se si fue el resultado exactamente, pero en definitiva ese email determinó gran parte de lo que he sido en los últimos casi 3 años. ¿Era una conquista? sí, lo era, pero también significaba tener que renunciar de forma momentánea a muchas cosas para dedicarme a otras, lo que vino después de ese momento queda para escribirlo en próximas líneas en el futuro.



Maiker lembra
das conversas
com sua mãe.
Ouça.



¿Qué puede decirnos de sus amigos?

Una vez alguien me dijo que la familia no se elige, y seguro que creí en ese concepto durante bastante tiempo, pero la vida es cambiante, y como cualquier ser humano debí deconstruir algunos conceptos para dejar paso a otros, y es que sí, aunque sin duda la familia biológica no se elige, con el paso del tiempo uno puede crear otro tipo de familia, esa familia que te regala la vida.

Sería injusto de mi parte contar mi historia de vida y no mencionar a mis amigos, esos amigos que con el paso del tiempo se transformaron en mi Familia, la familia que yo elegí y que me eligió. Durante mi corta historia de vida siempre hubo pocos pero buenos amigos, siempre presentes, incluso desde la distancia geográfica, son esos amigos que hoy en su mayoría están esparcidos por todo el mundo pues como yo la gran mayoría tuvo que abandonar Venezuela en busca de nuevas y mejores oportunidades. Ellos son mi mayor fortuna.

Brayan, Samuel, Adriana, Pierina, Jorman, Pamela y Luís fueron y son personas extremadamente importantes para formar lo que hoy soy, compañeros fieles con quienes viví momentos variados que iban desde una protesta para defender nuestro país, una fiesta durante el fin de semana, tantos viajes para conocer Venezuela, incluso compañeros de lágrimas cuando las cosas no marchaban bien, personas que son mi refugio, un puerto seguro donde anclar cuando el mar de la vida está muy agitado.

Más recientemente Brasil también me regaló personas increíbles, y es que a cada día que pasa soy más brasileño, aunque nunca menos venezolano. Priscyla, Guillermo, Natasha, Ayla, Zoraida y Guilherme son regalos que llegaron para ocupar mi corazón y hacerme sentir cada vez más en casa. Cada uno contribuye a su manera con la formación del ser humano en el que estoy transformándome en los últimos cinco años, miembros de esa familia que si se puede elegir, ellos también son parte de mi historia, esa que aun está en construcción.



Myria

PT Quem eu sou e quem eu fui

Me chamo Myria, vim de longe, da Síria, para te contar uma história que precisou de muita coragem e muito risco para estar aqui no Brasil. Faz quase 8 anos que estou compartilhando o lar com vocês em Curitiba e no Brasil. Eu e minha família tivemos que deixar tudo para trás por causa da guerra e seguir em frente na nossa vida.

Hoje quero contar um pouco da minha trajetória para vocês.

Eu sempre fui apaixonada pelo horizonte e pôr do sol, e lembro que, antes da guerra, eu ficava na minha varanda admirando a beleza do pôr do sol da minha cidade, Aleppo, e agradecia aquele momento mágico, que transmitia muita paz e serenidade. Não sabia que aquela mesma vista ia ser uma cena de guerra nos próximos meses. Foi realmente bem doloroso ver a minha cidade sendo destruída diante dos meus olhos.

Tudo aquilo que nós perdemos, como sonhos e planos, toda aquela vida que tínhamos planejado pro futuro, simplesmente desapareceu, e tivemos que deixar as coisas para trás e seguir adiante para salvar a alma.

Para te contar quem sou eu, preciso te contar primeiro de onde e de que país eu vim:

A Síria carrega uma longa e antiga história, onde muitos povos passaram e deixaram as suas marcas na região. Através dos séculos, a área pertenceu aos impérios romano, grego, árabe e otomano e muitos outros que moldaram a Síria de hoje. Eu, por exemplo, vim de

um povo chamado "assírios". Até hoje falamos e oramos em aramaico, que é a língua de Jesus e uma das línguas mais antigas do mundo. Apesar de sermos a minoria cristã que ainda mora lá, tem várias regiões no país, como Maalula, que fala um dialeto derivado do aramaico. Além de mencionar que na Síria nasceu o primeiro alfabeto da história, que foi desenvolvido pelos Cananeus em 14.000 a.C., também a Síria possui duas das cidades continuamente habitadas há mais tempo no mundo, como Damasco e Aleppo.

Falando de música, há 3.400 anos, numa cidade chamada Ugarit, foi encontrada a mais antiga partitura musical da história, escrita num tablete de argila. Tenho muito orgulho dos meus ancestrais, que deixaram tantas heranças valiosas e fizeram muitas contribuições importantes para a humanidade. Com certeza guardo tudo isso no meu coração com muito carinho.

Muitas vezes as pessoas imaginam a Síria como deserto somente, mas temos montanhas verdes e praias lindas do Mediterrâneo, como nas cidades de Latakia e Tartus, que são um destino de muitos sírios e turistas no verão, com o calor que pode chegar até 40° C.

Em Aleppo, minha cidade, que é mais pro interior, a temperatura no inverno pode chegar a -3° C e até tem anos que neva também.

Aleppo desde sempre foi famosa pela linda música e pela saborosa culinária e foram justamente as duas coisas que a minha família trouxe de bagagem pro Brasil depois.





Minha formação

Sou formada, cursei a faculdade de Belas Artes de Aleppo, com especialidade em Design Gráfico. Trabalhei numa agência durante meus estudos por dois anos, ganhando experiência e conhecimento. Mas foi quase um mês depois de me formar que começou a guerra na minha cidade.

Então fui dar aulas de pintura e dança latina para crianças, numa sala da loja da minha mãe. A procura das aulas ficava cada vez mais alta pelos pais, porque queriam tirar filhos fora da triste realidade, e era uma grande responsabilidade minha dar o refúgio em forma de arte. Eu tentava trazer um espaço totalmente em contraste com o momento que a gente estava vivendo. Uma vez estávamos dançando, eu e 20 crianças, de repente, cai uma bomba bem próxima do nosso local, e automaticamente todo mundo se jogou no chão e, por alguns segundos, não entendemos se ainda estávamos vivos. Mas olhando a cara das crianças chorando e me dizendo "vamos morrer, vamos morrer, professora", me deu uma força para levantar de novo e pedir a todos que se levantassem e dizer pra eles: "Não, hoje ninguém vai morrer. Hoje vamos dançar..." e continuamos dançando e chorando juntos, celebrando mais uma chance de vida que tivemos naquele momento.



Myria canta o
"Pai-Nosso" em
aramaico, a língua
de Jesus.



Ninoska

ES Soy Ninoska Pottella, cantora, compositora y empresaria que antes de venir a Brasil estaba comenzando exitosamente a trabajar con compañías multinacionales por haber creado un producto publicitario único en su estilo, además de estar un poco apartada de mi proyecto musical por falta de tiempo.

Casa, carros y buen estatus económico hasta que comenzó la vertiginosa caída económica de Venezuela y por el cual me resultó muy difícil retornarla como base de proyecto de vida. Además del encuentro con un apasionado amor del pasado que al final se tornó complicado como para seguir adelante, pues no resultó lo que parecía.

En la actualidad estoy con pininos de escritora. Que como a Isabel Allende la hizo escritora su estadía como asilada política en Venezuela escapando de la dictadura de Augusto Pinochet, quien es sobrina del recordado Salvador Allende. Cuenta ella misma que vivió catorce años en Venezuela y allí escribió el libro "La casa de los espíritus". Menciona también en una entrevista que Venezuela le dio sabores, colores y descubrió allí que le gusta el verano prolongado y ser escritora.

A mi me hace escritora estar en Brasil e Isabel Allende es mi referencia e inspiración para atreverme a escribir la historia de mi travesía de Venezuela a Brasil. Agradezco a Isabel su amor hacia Venezuela y que de alguna manera se convirtió en embajadora de los buenos recuerdos de mi país y de la esencia de los venezolanos cuando habla en sus entrevistas por los medios de comunicación.

A mi el Sur de Brasil me dejó descubrir que ese cielo grisáceo saca de mí una tímida melancolía que contenía en lo más recóndito de mí ser y que de otro modo era casi imposible que brotara. Que el frío me hace evocar abrazos, caricias y a la vez aprender a interpretar el sentimiento que da la soledad, respetarla, comprenderla y nutrirme para luego como milagro hacer de eso mi arte para todos con el matiz que da ser una inmigrante.



Ninoska entrevista Ninoska

PT Como você veio para o Brasil?

Diferente de Isabel Allende que chegou na Venezuela por asilo político, eu vim para o Brasil por um reencontro com um velho amor brasileiro que conheci na Venezuela há 29 anos. Se não fosse isso, teria ido para os Estados Unidos como a maior parte da minha família. Pois, no Brasil, só conhecia meu antigo amor. Porém, depois de um tempo de casados, nossa união se desfez à medida que se desfez a Venezuela. Tudo se acabou dessa relação que a princípio parecia ser um conto de fadas. Segui meu caminho e não quis ir embora do Brasil, pois gosto do país, do povo, da música, dos costumes e da geografia.

Fale um pouco sobre sua trajetória como artista.

Minha trajetória como artista começa desde pequena, primeiro em casa, depois fiz aulas de música, do instrumento bandolim e de canto em coral. Com o tempo fui ganhando festivais escolares e, alguns anos mais tarde, me chamaram para cantar em uma casa de shows chamada "La Guacharaca". Uma famosa casa de shows na Venezuela onde se apresentavam estrelas do stand up comedy daquele tempo no meu país. Eu era a única cantora fixa desse local, acompanhada por uma banda de latin-jazz. O salário era muito bom e eu pude ver o esbanjamento de dinheiro das pessoas em um país rico.

Eu tinha que manter meus irmãos, que eram sete. Meus pais decidiram por uma família numerosa, mas meu pai tinha problemas com álcool e foi complicado para ele manter a família. Com o tempo, depois de ter meu primeiro filho, me chamaram para fazer parte do staff de artistas da produtora Hugo Blanco que era famoso por sua composição "Moliendo café" e por ser produtor de artistas tradicionais da Venezuela. Fiz turnês pelo território nacional com nosso repertório e cheguei a cantar com o maestro Simon Diaz, o famoso cantor de tonadas e compositor da conhecida canção "Caballo viejo", conhecida também como "Bamboleo".

Você teve outras profissões? Ou foi sempre artista?

Aos 18 anos, trabalhei nos Estados Unidos em uma empresa que representava a assinatura de espetáculos de multinacionais como *Disney, MGM, Paramount Pictures, NBC, NBA* e fiz curso de secretária e de língua inglesa para desempenhar meu cargo. Depois trabalhei de assessora cultural no Instituto de Trânsito do município de Chacao, sendo funcionária pública.

Estudei direito na Universidade Central da Venezuela por 3 anos. Não concluí o curso para me dedicar a publicidade e a minha família. Tive mais dois filhos e decidi dedicar mais tempo a eles abrindo uma empresa de publicidade onde eu poderia administrar meu horário. Isso nos inspirou a criar um produto publicitário não convencional que fazia referência ao "homem sandwich" dos anos 20. Foi um estrondoso êxito e as multinacionais nos contratavam continuamente. Conseguimos construir uma grande casa do jeito que gostaríamos. Atualmente esse negócio sofre os embates da Venezuela de hoje e as empresas que nos contratavam finalizaram as operações no nosso país.

Fiz do meu lar em Curitiba um espaço cultural de referência para músicos amadores e profissionais que desejavam obter informações sobre eventos, aulas e também para poderem ensaiar com os instrumentos disponíveis na casa. Também tenho o privilégio de ser a produtora da banda de rock formada por dois dos meus filhos e um grande amigo venezuelano, que veio para o Brasil continuar o projeto que começaram juntos. Os temas musicais são autorais dos integrantes e estamos muito confiantes neste projeto. Os integrantes são: José Soto Portella, Francisco Soto Portella e José Luís Rodríguez.

Que mensagem deseja deixar para outros migrantes no Brasil?

Minha mensagem é que coloquem paixão e amor àquilo que fazem, que sintam que sim, podem. Tenho muito orgulho em dizer que o estado do Paraná me outorgou, mediante a lei Aldir Blanc, o prêmio de reconhecimento pela minha trajetória cultural por tantos eventos que participei desde o ano 2011, quando cheguei ao Brasil. E, assim como eu, todos podem correr atrás dos seus sonhos.



Ouçã uma
composição
original de
Ninoska Pottella.



PT Russel entrevista Russel

Como foi a passagem da infância para a adolescência?

Passagem da infância à adolescência? Para mim foi verdadeiramente extraordinário porque a partir daí levei a escola a sério. Lembro que na oitava série do fundamental foi o momento em que descobri o primeiro sentimento por uma garota. Ela era da mesma escola em que eu estudava.

Como é ser adolescente em seu país de origem?

No meu país um adolescente tem bastante pontos comuns com um jovem em qualquer outro país, mas existem algumas particularidades. Por exemplo, é difícil encontrar um adolescente no Haiti que faça diferença de cor de pele entre si para justificar a superioridade, porque não é algo que faz parte da nossa vida ou rotina. Ou seja, existe uma harmonia muito grande entre eles.

Que adolescente você foi?

Ops! Briguei bastante com meus amigos, mas, ao mesmo tempo, eu sempre fui aquele cara que vai ter o papel pacificador quando tinha uma briga entre nós. Além disso, sempre coube a mim o papel do líder do time. Sempre fui conselheiro, o cara que sabe responder na hora certa, com a resposta certa. Muitas vezes, acontecia um debate sem fim sobre um assunto qualquer na minha ausência e, com a minha chegada, encontrávamos a resposta para dar um fim à discussão. Porém, em casa, meu pai tinha que tomar atitudes muito severas comigo, pois muitas vezes eu fazia coisas ruins em termos de desobediência.

O que você queria ser quando crescesse?

Eu sempre sonhei ser historiador para poder escrever como meu pai. Em casa meu pai escreve sempre. Eu às vezes me levantava às 3 horas da madrugada para ir fazer xixi, via a luz que ainda estava acesa e meu pai em sua mesa, escrevendo. Eu tinha como opção B tornar-me economista, por uma razão simples: quando era pequeno

as pessoas que tinham carros novos eram os diretores de banco e eu perguntava a meu pai: "O que estuda uma pessoa para trabalhar em um banco?". E ele me respondia: "Ciências Econômicas, Contabilidade, entre outros". Era nisso que eu pensava.

Como foi a escolha de uma profissão?

Foi muito fácil porque já estava claro na minha cabeça que eu seria historiador e/ou economista. Mas, no Brasil, foi outra coisa. No primeiro momento, procurei um trabalho para melhorar de vida ou deixar mais leve meu dia. Depois, executando a profissão de soldador, surgiu a ambição para eu trabalhar como técnico, aí eu fiz dois cursos para ver se a empresa dava uma oportunidade para mim, não obtive nenhuma promoção até minha saída desse emprego. A causa foi uma alergia a ferro, poeira etc. E aí veio a ideia de estudar algo como Administração. Queria me afastar totalmente de um trabalho em que eu precise mexer na poeira, ferro, outros produtos a que tenho alergia.

Você fez faculdade em seu país de origem?

Sim, eu me formei em Economia.

E como foi sua vida afetiva/amorosa na adolescência?

A vida amorosa durante a minha adolescência não era verdadeiramente uma prática corrente. Quando eu era adolescente, frequentava a escola, a igreja etc., e eu sempre encontrava garotas, sabia quando o coração batia mais forte por elas. Contudo, era formalmente proibido por meu pai. Ele me dizia sempre que o estudo era que contava primeiro, depois viria o amor, pois a partir do momento em que entramos em uma relação amorosa, não estaremos mais na escola. Isso me fez ter sempre namoradas, mas sempre escondido, não oficial.

Qual a principal memória da adolescência?

A principal memória da minha adolescência é ficar no jogo de futebol com meus amigos.



PT Sobre meu pai

Não tenho a intenção de debater sobre o temperamento de meu pai, nem sobre o que fez em sua vida. Mas, vou falar daquilo que me permitiu compreender e aceitar minha origem, daquilo que me armou para poder lutar contra a alienação, contra toda sorte de opressão do mundo moderno e que me deu as possibilidades necessárias para poder andar e pensar sem ele.





CAPÍTULO

3

Atravessar as
fronteiras e
ver o Brasil

*Pour ce petit garçon qui errait
dans la forêt Darien, seul et épuisé
baigné dans l'illusion que sa mère était encore vivante.*

^{FR} *Petit enfant*

Mon enfant, tu n'as pas choisi d'être l'objet de ce voyage dans le temps.

Tu n'as pas eu ton mot à dire d'ailleurs.

Tu as été donc planifié, conçu pour cette cause perdue,

Pour être le passeport qui permet de valser

Vers la frontière du vieux rêve américain.

Tu as été pensé pour être le bouclier

De ceux qui voyagent vers l'enfer.

Sache, mon enfant, que tu n'as pas été un enfant comme d'autres

Qui ont des droits et une vie de jouets et de rires.

Sache que, parfois, tu as été enlevé

Par ta mère, par ton père, désespéré,

baigné dans la foudre de son illusion;

Pour affronter la faim,

La pluie

Le froid

Pour traverser des rivières sauvages, assassins,

affamées de chair crue.

Tu as vu aussi les étoiles mon enfant

De trop trop près que tu croyais toucher le ciel

Trop tôt dans une vie si fragile qui n'est pas la tienne,

Trop crues les étoiles ont franchi les yeux pétrifiés de vos parents

Noyées de leur chagrin et leur peur.

Je t'ai vu chercher ta voie, mon enfant,

Comme une flamme fissurée,

Au milieu de Darien,

Cimetière à ciel ouvert

Où les démons sussurent le cantique de la mort

Au tympan des âmes errantes crevées au sommet de leur espoir.

Ces tristes âmes des sans-papiers,

Des sans identité,

Marchant vers le but ultime:

Fouler le sol béni dont l'administration a pourtant maudit la présence.

Pourvu que le rêve soit encore debout sur les lèvres

Dans la tête et sous les paupières,

Toutes les sacrifices valent la peine;

Même ta petite âme fragile et innocente!

Ah mon enfant !

Un pied devant l'autre

Tes parents marchent, marchent dans le vide...

Et te voilà qui déambule, seul, au milieu des arbres et des animaux affamés.

Appelant "Maman". Qui t'observe déjà, de l'autre côté...

*Para este garoto que vagou
na floresta Darien, sozinho e exausto
banhado na ilusão de que sua mãe ainda estava viva.*

PT *Pequeno menino*

Filho, você não escolheu ser o objeto desta viagem no tempo.

Nem precisava dar sua opinião.

Você foi planejado, construído para esta causa perdida,

Para ser o passaporte que permite valsar

À fronteira do velho sonho americano.

Você foi pensado para ser o escudo

Daqueles que viajam para o inferno.

Saiba, meu filho, que você não é uma criança como as outras

Que têm direitos e uma vida de brinquedos e risos.

Saiba que às vezes você foi sequestrado

Por sua própria mãe, por seu próprio pai, desesperado,

banhado pelo raio de sua ilusão;

Para enfrentar a fome,

A chuva,

O frio,

Para cruzar rios selvagens, assassinos,

Famintos de carne crua.

Viu também as estrelas, meu filho

Muito, muito perto que pensou que estava tocando o céu.

Cedo demais em uma vida tão frágil, que não era a sua,

Cruas são as estrelas que cruzaram os olhos petrificados de seus pais,

Afogadas em sua dor e medo.

Eu vi você procurando pelo teu caminho, meu filho,

Como uma chama rachada,

No meio do Darien,

Cemitério a céu aberto

Onde os demônios sussurram o cântico da morte

Nos tímpanos das almas errantes, explodidas no auge de sua esperança.

Essas almas tristes dos indocumentados,

Sem identidade,

Andando em direção ao objetivo final:

Pisar o solo abençoado cuja presença a administração ainda amaldiçoou.

Desde que o sonho ainda esteja em seus lábios,

Em suas cabeças e sob suas pálpebras,

Todos os sacrifícios valem a pena;

Até a sua pequena alma frágil e inocente!

Ah meu filho!

Um pé na frente do outro

Seus pais andam, andam no vazio...

E aqui está você, vagando, sozinho, entre árvores e animais famintos.

Chamando: “Mamãe”, que já está te observando, do outro lado...

TRADUÇÃO
CARLILE MAX DOMINIQUE CERILIA
HAITI

Gloire

PT Minha migração: do meu país ao Brasil

O que é esse país destruído, o que é esse país dos políticos corruptos? O que é esse país onde as crianças não têm a escolaridade gratuita? O que é esse país onde há crianças-soldados? O que é esse país onde há fome na maioria das cidades? O que é esse país onde não tem trabalho para os jovens? O que é esse país onde tem uma guerra que nunca acaba? O que é esse país onde as pessoas morrem todo dia, mesmo com a presença dos soldados da ONU há mais de 20 anos?

MAPA DE TRAJETÓRIA



A República Democrática do Congo é meu país, minha pátria querida. Este país foi chamado de República do Congo entre 1960 e 1964, tornou-se, em seguida, República Democrática do Congo, de 1964 a 1971. Depois foi batizado de República do Zaire, de 1971 a 1997. Finalmente, tornou-se República Democrática do Congo (RDC), sob o regime de Laurent-Désiré Kabila, em 1997, e assim o país é chamado até nossos dias. Eu nasci em 1992, sob o regime do Zaire, do presidente Joseph-Désiré Mobutu Sese Seko Kuku Ngbendu wa Zabanga. Ele foi ditador, mas o país tinha uma notoriedade internacional. Claro que ele foi ditador, mas o Congo e os congoleses eram respeitados por todos. Militarmente, socioeconomicamente e diplomaticamente, o Congo era forte.

Nos anos 90, devido à pressão internacional, teve início a época de democratização do regime ditatorial ao qual o Zaire era submetido. Os principais incentivadores da democratização do país eram os financiadores de crédito e os países vizinhos, com suas intervenções e múltiplas insurreições. Nesse sentido, destacam-se principalmente Ruanda, Burundi e Uganda, com o objetivo duplo de esmigalhar o país e saquear seus recursos naturais. Essas intervenções só foram possíveis graças à cooperação de certos filhos da nação.



Face à pressão internacional e interna, o presidente Mobutu decidiu primeiro democratizar seu regime, então seu governo enfraqueceu e, em 1997, a rebelião da Alliance des Forces Démocratiques pour la Libération du Congo (AFDL), cujo porta-voz foi Laurent Désiré Kabila, em coalizão com o trio de países citado, destronou Mobutu depois de trinta e dois anos de reino. Depois da conquista do poder, Laurent Désiré Kabila e seus aliados se destruíram por causa da falta de respeito de seus próprios acordos. O novo presidente congolês tinha prometido a seus aliados que, se ele o ajudasse a tirar Mobutu, ele lhes cederia parte do território, dentre os quais o Kivu, como contrapartida de seu suporte.

Laurent-Désiré Kabila decidiu romper estas alianças em 27 de julho de 1998. Ele expulsou todos os militares que o haviam acompanhado ao poder por medo de perder sua popularidade por causa do mau comportamento desta ala do militarismo. Uma decisão que suscitou indignação e que foi percebida como uma traição da parte dos ruandeses e dos ugandenses, que declararam guerra contra o Congo em 2 de agosto de 1998.

As riquezas do subsolo congolês seguem sendo a razão principal da instabilidade no Congo, sobretudo o coltan, que está no coração da guerra. As explorações ilegais dos minerais desse país motivam a permanência dos exércitos estrangeiros e dos múltiplos conflitos armados no norte e no sul do Kivu, na parte leste do Congo. Até o presente, o país não encontrou a estabilidade do passado. Desde minha adolescência, há sempre uma frase que ressoa em minha cabeça, “MBOKA EZA BIEN TE”, que significa literalmente que há instabilidade e insegurança em permanência.

Por que digo que isso ressoa em minha cabeça? Porque isso é o que meu pai sempre nos repete há mais de 20 anos. Cresci neste clima. Nossos pais tinham medo que nós ficássemos fora de casa depois das 18h. Enquanto criança, vivi a segunda guerra do Congo na capital Kinshasa, e as lembranças estão intactas em minha cabeça. Os impactos das armas pesadas (os obuses, as kalachnikov), os desalojados da guerra nas ruas, os familiares de meu pai e de minha mãe que se refugiam em nossa casa... Não havia comida suficiente para todos nós. Não havia nem pão para comer, nem para as crianças. Nós comíamos os “bikedi” (mandioca fermentada e seca) com chá vermelho pela manhã e à noite arroz com “ndunda” (legume) ou com “matembele” (folhas de batata-doce). Não havia mais eletricidade na cidade, se cozinhava com madeira e raramente com carvão. Os peixes que tínhamos em provisão no congelador estavam quase podres, mamãe era obrigada a transformá-los em peixe salgado (colocar sal e expor ao sol durante vários dias) para se ter, apesar de tudo, carne na boca. Na rua, se escutava o barulho dos jovens

que combatiam os Tutsis ruandeses, eles cantavam, queimavam pessoas com o fogo dos pneus, a golpe de machados alguns ruandeses eram mortos, para expulsá-los do país.

Ainda hoje essas coisas horríveis continuam a ser o cotidiano de congoleses em certas partes da República, principalmente no leste do país. Antes eu era criança, mas hoje eu sou mãe. Nossas crianças sabem o que significa “MBOKA EZA MABE”. Quer dizer que nada mudou, ao contrário, a situação piora. A vida social se degrada dia a dia. Ser congolês hoje não tem valor. Várias pessoas mudam de nacionalidade. Os congoleses são humilhados em todos os lugares do mundo, o passaporte congolês não representa mais nada. O famoso ditador do Zaire é reclamado hoje pelos congoleses, porém, infelizmente, ele faleceu no Marrocos. Todo mundo sente falta e reclama o regime de Mobutu. Atualmente há mesmo alguns que se vestem com a inscrição do Zaire, para mostrar ao mundo que a época do Zaire era melhor. Os estudantes eram bolsistas pelo estado do Zaire, nossos pais eram pagos melhor, os jovens tinham trabalho... Apesar de tudo, tenho orgulho de ser do Zaire, de ser congolesa e guardo a esperança de ver um Congo melhor amanhã. Eu farei parte daqueles que levarão a mudança para este país. Guardo esperança, um dia, “MBOKA EKO ZALA BIEN”.

Apesar da insegurança que reina no Congo, pude viajar pelo interior do país, para visitá-lo. Fui à província do Kongo central (ex-Baixo Kongo), pois meus pais são originários de lá, mas os dois cresceram em Bukavu, no leste do país. Isso foi no começo da minha idade adulta. Logo depois, sai pela primeira vez do meu país. Aos 18 anos, fui estudar no Marrocos. Foi uma bela experiência de vida, aprendi muito, vivi experiências boas e más, mas isso faz parte da vida, do percurso de todo ser humano. Amo o Marrocos, guardo muitas lembranças dessa época e da vida com meus amigos. Sinto falta desse tempo.

Logo após meu “bac” (teste que marca o fim do ensino médio), em 2010, comecei a estudar Direito na Universidade de Hassan 1 - Faculdade de Ciência Jurídica, Econômica e Social, na cidade marroquina de Settat. Em 2015 obtive meu diploma como licenciada em Direito Privado. Somente em julho de 2016 voltei ao meu país, juntamente com minha filha, Rahyana, que tinha então 3 anos. Contudo, minha estada em Kinshasa não foi como eu tinha planejado. Tive que deixar minha cidade em dezembro do mesmo ano, pois havia distúrbios pré-eleitorais na capital congolesa. Os aeroportos deveriam estar fechados antes de 19 de dezembro por motivo de segurança. Dessa vez, deixei para trás minha filha, tão pequena que era, na esperança de voltar o mais rápido possível. Tinha já meus projetos de ir para a China, mas adiantei minha viagem para evitar ser bloqueada em Kinshasa uma vez que o aeroporto fosse fechado. Fui à

China em dezembro de 2016. De lá peguei um avião para Havana, Cuba. Passei 11 meses na capital cubana, onde estudei espanhol. Depois, em 2017, embarquei para o Brasil.

Como jovem e estudante que era, nunca trabalhei no Congo, nem no Marrocos, eu vivia com dinheiro dos meus pais. Chegando em algum momento da minha vida, eu tinha que ter renda própria. Comecei a procurar minha independência financeira; precisava de outra fonte de renda que não fossem meus pais para me sustentar, pois eu tinha que cuidar da minha filha. Minha filha nasceu no Marrocos em 2013. O pai dela nos abandonou para se casar com outra mulher da mesma etnia que a dele.

Meu pai também não queria saber de mim. Meu pai tinha me abandonado, eu o tinha decepcionado enormemente. Ele não aceitava o fato de que eu pudesse ter um filho antes de terminar meus estudos e sendo solteira. Era uma desonra para ele. Meu pai chegou a proibir minha mãe de me enviar dinheiro. Porém, depois de um tempo, minha irmã mais nova, Divine, que vivia na Rússia na época, me sustentava com o pouco que recebia de meus pais. Ela me enviava uma parte do que recebia, mas não todos os meses... Minha filha e eu sofremos muito, faltava comida para ela, um bebê de menos de um ano. Às vezes faltava leite, no lugar ela tomava chá vermelho, comíamos a mesma comida durante vários dias.

Eu estava extremamente endividada, meu fiador tinha me expulsado de casa por falta de pagamento de mais de dez meses. Prefiro parar aí, porque é muito doloroso pensar, tenho lágrimas nos olhos. Mas hoje estou com uma ótima relação com meu pai, sou o orgulho de meus pais, e minha filha tornou-se a melhor amiga de meu pai.

Maiker

PT A decisão

A decisão de empreender um processo migratório, mesmo que bastante pensada, não foi algo fácil de tomar. Lembro com muita nitidez que passei vários meses analisando quais seriam as consequências que esta escolha traria, claro que decidir deixar tudo que você conhece e começar do zero em outro lugar não é fácil, nunca é, mesmo para alguém como eu, que de alguma forma, sempre projetou uma vida fora da Venezuela. A primeira pessoa com quem conversei sobre essa possibilidade foi meu melhor amigo, Samuel. Lembro da expressão de assombro no seu rosto, apesar de ter vivido muitas coisas juntas, porque o espírito aventureiro sempre esteve presente entre nós, um processo de migração era outra coisa. Passamos muito tempo, durante a nossa adolescência, como qualquer jovem latino-americano, imaginando viagens que nos permitissem conhecer o continente, tudo pensado para depois de concluir os estudos superiores. Nessa época o Samuel estudava Arquitetura. A expressão em seu rosto era um tanto desconcertante, refletia um pouco de medo, mas ao mesmo tempo aquela cumplicidade implícita em quem você sabe que está ouvindo do amigo algo que é um fato definido, porque ele, melhor do que ninguém, sabia da minha determinação.

Então, quais foram os motivos que levaram um jovem de 21 anos a decidir deixar sua família e amigos para tentar começar uma nova vida?

Os motivos foram vários, primeiro a incerteza de morar em um país onde o acesso às coisas mais simples ficava cada vez mais difícil, para citar um exemplo: passar mais de 15 horas na fila de um supermercado para comprar dois quilos de farinha pan, a mistura necessária para fazer as conhecidas "arepas venezuelanas"; ou ficar mais de 2 horas esperando o transporte em um



ponto de ônibus; ou caminhar pelas ruas e ver como as crianças comem do lixo; ou simplesmente ver como estão as condições físicas e econômicas de pessoas próximas que agora sofriam para tentar comer uma vez ao dia. Não era preciso ter estudado Administração para saber que isso não estava certo e que tudo apontava para o fato de que com o passar do tempo a situação pioraria a cada dia.

Sonhos e projetos que sempre tive foram frustrados por um governo que pouco se importava para a qualidade de vida de seus cidadãos, pois era muito mais fácil culpar os Estados Unidos pelas calamidades que um país mal administrado experimentou nas últimas décadas. Agora, quem está lendo isto pode pensar que decidir deixar o país é uma saída fácil, que nosso dever era ficar e lutar por nossos ideais, ou que tanto eu quanto muitos venezuelanos desistimos de nosso país muito facilmente. Para alguns talvez seja falta de patriotismo, para outros talvez um pouco de covardia. Para mim, a decisão mais difícil que tive que tomar nos últimos anos da minha vida. Deixar a Venezuela, apesar de ter sido uma partida voluntária, não veio de um dia para o outro, e sim depois de ter participado de muitos protestos exigindo melhores condições de vida. Inclusive depois de ver como morriam pessoas tentando se manifestar contra um governo que não tem o mínimo de compaixão pelos cidadãos que constituem o povo, que esse governo afirma defender.

Era cada vez mais frequente despedir-se de um amigo ou familiar que estava abandonando o país, os encontros no início de 2016 eram sempre sobre alguma despedida. A vida na Venezuela era cada vez mais triste, cada vez mais deprimente e cada vez mais difícil de sonhar. Até mesmo no sentido literal, o de dormir uma noite de sono e sonhar, porque nesse mesmo ano o governo impôs um sistema de corte de energia elétrica em todo o país que deixou todos os estados sem energia por mais de 12 horas contínuas. Enquanto isso acontecia, pessoas morriam em hospitais, os poucos alimentos que as pessoas podiam levar para casa apodreciam nas geladeiras. Com as sucessivas tragédias o povo se cansava de protestar, porque agora todos os seus esforços estavam focados em sobreviver dia após dia.

Pensando em tudo isso que mencionei antes, tive que tomar uma decisão. Eu merecia viver assim pelo resto da minha vida? Para mim a resposta era clara, óbvio que não merecia, e se eu decidisse continuar na Venezuela, era essa a situação que eu deveria esperar.

O processo

A odisseia começou na hora de comprar as passagens para sair do país, muitos entraves para juntar a documentação necessária. Inclusive receber a vacina contra a febre amarela tornou-se um processo burocrático que implicava ter que recorrer a pessoas que faziam parte de meios corruptos para fornecer algo que era de direito. Fui praticamente obrigado a utilizar esses meios, porque a data de partida não podia estar muito distante, já que o meu passaporte iria expirar em pouco menos de um ano e conseguir um passaporte na Venezuela é cada vez mais difícil. Ainda hoje as quantias de dinheiro para conseguir um novo passaporte são um absurdo para um país onde a população em geral ganha menos de US\$ 4 por mês.

Reunir toda a documentação acadêmica possível também foi uma tarefa complicada. O processo consiste em solicitar os documentos e agendar consultas ao Itamaraty para certificá-los. Era algo indispensável para mim, que, mesmo saindo do meu país com pouco dinheiro e muitas incertezas, tinha um propósito claro, voltar a fazer parte de um ambiente acadêmico. Embora, a princípio, eu não tivesse nenhuma ideia de como isso iria acontecer, sabia que esse era o meu objetivo principal.

Com quase toda a documentação reunida, depois de tantas dificuldades chegou a hora de conversar com a família. Isso não seria tão simples e, como mencionei anteriormente, nossas decisões estão sempre sujeitas a interpretações. Eu sabia muito bem quais eram os meus

motivos para deixar o país, mas não podia esperar que o resto da minha família os entendesse, embora, nos anos anteriores, uma parte da nossa família já tivesse decidido migrar.

Antes da data da viagem ao Brasil, viajei ao interior da Venezuela para me despedir da minha família, cada abraço doía, doía de uma forma que não consigo explicar em palavras. Foi aí que comecei a entender o drama da migração, é que eu sabia que a decisão era correta, eu também sabia que era hora de migrar, mas isso não tornava o processo menos doloroso. Era que, de certa forma, eu sabia que estamos sujeitos aos processos de mudanças de vida e que nada me garantia que aqueles abraços iriam se repetir em um prazo curto, de fato não são possíveis há mais de 5 anos.

Chegou o dia da viagem, o voo saía da cidade de Maiquetía, no estado de Vargas. Tive que viajar de Valência a Caracas para chegar ao aeroporto, minha mãe me acompanhou durante a viagem e até o embarque. O meu grande amigo de infância, Brayan, também estava presente, assim como a mãe do meu melhor amigo, Samuel, e a irmã dele. Foi um dia cheio de lágrimas, sentimentos confusos, nostalgia e muita ansiedade pelo que vinha pela frente. De súbito o avião decolou e um novo capítulo da minha vida começou a ser escrito. Enquanto eu olhava pela janela do avião, o único pedaço de terra que eu poderia chamar de meu ficava para trás.



Brasil

O Brasil nunca foi a minha primeira escolha de país para construir uma vida. Segundo minhas ideias, era apenas uma ponte que permitiria estabelecer bases um pouco mais sólidas para dar continuidade a um processo migratório que me levaria a outro país de língua espanhola para seguir com os meus estudos. Porém, aprender a língua portuguesa tornou-se cada vez mais importante para mim. Desde minha chegada, me interessei por aprender o idioma. Todavia, não tinha meios financeiros suficientes para pagar uma escola formal, por isso, mais uma vez tive que recorrer aos modos autodidatas que me permitiram aprender.

Obter a documentação necessária para morar no Brasil era a prioridade, naquela época não era uma opção permanecer no país ilegalmente. Durante esse processo eu entendia que a dinâmica brasileira era muito diferente da forma como funcionava a Venezuela.

O dinheiro ia ficando cada vez mais escasso, a situação começava a apertar para mim no norte do país. Embora eu já falasse um pouco de português, as oportunidades de trabalho eram escassas. Foi assim que acabei tendo que vender água nas ruas de Manaus, sob as inclemências típicas da região amazônica. Esse trabalho não durou muito, apenas algumas semanas. É que para mim essa não podia ser uma opção por muito tempo. Lembro-me de um dia ter chorado enquanto vendia água, não era lógico para mim, há alguns meses eu estava em uma das melhores universidades do meu país, agora via meus objetivos reduzidos a vender água para levantar o dinheiro necessário para pagar o aluguel, ao mesmo tempo, rezar para que tivesse sorte no trabalho e sobrasse alguma coisa para poder comer durante o dia.

Um momento de esperança surgiu quando um conhecido me convidou para trabalhar distribuindo panfletos em frente a uma clínica odontológica. O salário não era muito bom, porém eu teria algo com certeza ao terminar a semana. Daquela época, lembro com carinho do Bruce, um jovem manauara que estava planejando migrar para o Canadá. Ele falava um pouco de inglês, o que facilitava nossa comunicação. Ele sabia um pouco da minha experiência profissional, porque já havíamos conversado sobre isso em algumas ocasiões. Foi assim que ele sugeriu que eu falasse com o dono da clínica, porque eles estavam procurando um auxiliar administrativo. Essa conversa se concretizou e fui chamado nos dias seguintes para fazer uma entrevista com o diretor administrativo da clínica. Essa foi minha primeira experiência com xenofobia, porque, apesar de demonstrar meu conhecimento na área, o diretor me explicou que era

muito difícil para ele oferecer tal oportunidade quando havia muitos brasileiros trabalhando de maneira informal... A partir daquele momento o trabalho na clínica não era mais o mesmo, mudou a atitude de alguns colegas com relação a minha pessoa, porque segundo eles eu estava ali com vontade de passar por cima deles. Lembro-me de ouvir frases como: “Nem português direito ele fala”. Foi quando decidi sair desse trabalho.

Não demorou muito até que eu fosse chamado para trabalhar em um hotel no centro da cidade. Para eles o fato de falar espanhol era interessante, porque naquela época muitos venezuelanos estavam vindo para a cidade de Manaus. Confesso que eu gostava do meu trabalho de recepcionista, mas depois de alguns dias percebi que a carga estava ficando mais pesada. Eu não tinha apenas que cuidar da recepção, também tinha que limpar os quartos e cozinhar para os outros funcionários do hotel. A rotina era extenuante, eram mais de 14 horas de trabalho, sem folga, e nas segundas tinha que fazer turnos de mais de 24 horas. Óbvio que ficou claro para mim que aquilo não estava certo, mas eu tinha um objetivo, arrecadar o máximo de dinheiro possível para sair de Manaus e continuar procurando oportunidades em outras cidades. Após vários meses de salários parcialmente atrasados, a dona do hotel me informou que eu teria que voltar na outra semana para receber o dinheiro do meu trabalho. Um pouco contente e ao mesmo tempo desconfiado, fiz o que me foi instruído, mas, quando voltei, algumas semanas depois, o que eu havia imaginado se tornou realidade. O hotel estava fechado e os proprietários não estavam mais na cidade. Novamente estava em um estado extremamente preocupante e sem ajuda. Acho que foi um dos momentos mais tristes e devastadores da minha história naquela cidade.

Foi preciso algum tempo para me recuperar emocionalmente de toda aquela situação. É que até aquele momento eu só estava sobrevivendo e sabia que precisava de um plano para realizar os meus objetivos. Se por acaso vocês estão se perguntando o que aconteceu com as pessoas para quem trabalhava no hotel, na verdade nunca mais tive notícias delas, nem recebi o dinheiro de volta.

A situação ficava mais complicada a cada dia que passava. Um dia, enquanto caminhava pelo centro, encontrei uma velha conhecida que estava grávida. Ela me propôs para que eu cuidasse de seus negócios enquanto ela se recuperava do parto, que já estava se aproximando. Eu obviamente aceitei, não porque era o melhor salário, e sim porque naquela época era a única coisa que eu tinha. Devo confessar que naquele momento eu estava muito desconfiado, no fim das contas o trabalho que ia fazer parecia ser muito simples. Fiquei pouco mais de dois

meses naquele emprego e constantemente procurava outras opções.

Depois de algum tempo fui contratado por uma Escola de Idiomas. O registro na carteira de trabalho era de recepcionista, mas tive que exercer outras funções dentro da escola: fazia a parte de assessoria comercial e, ao mesmo tempo, cuidava da arrecadação e alimentação do sistema de gestão. O tempo passou e novamente a questão dos salários atrasados se fez presente. Em uma conversa com a pessoa que ocupava o cargo antes da minha contratação, fui informado que aparentemente era um problema frequente e que a empresa já tinha alguns registros de queixas na justiça do trabalho por esse motivo. Estava com muito medo, mas decidido a não passar pelas mesmas situações a que tinha estado exposto. Comecei a traçar uma estratégia que me permitisse sair daquela cidade o mais rápido possível, afinal o Brasil não podia se limitar apenas a experiências negativas. Deveria haver algo de positivo em tudo o que aconteceu nos últimos meses.

Nessa época, conheci Jhosi e Arianna, que foram parte fundamental desse difícil processo. Elas me acompanharam nos dias em que o pouco dinheiro que entrava mal dava para comer uma vez ao dia. Situações que via alheias a mim e com preocupação na Venezuela agora eram uma realidade para mim, no país onde deveria encontrar melhores oportunidades. Uma daquelas conversas que fazem a diferença foi com o professor Paulo, que na época era o coordenador pedagógico da escola, pois ele me fez considerar as cidades do sul do Brasil como um destino possível. A partir daquele momento comecei a investigar as oportunidades que cada cidade oferecia. A decisão sempre foi a favor de Curitiba, por ser uma cidade que, de alguma forma, se assemelhava à minha cidade natal na Venezuela e, claro, também tinha boas oportunidades para realizar os planos que eu tinha em mente.

Após a escolha do lugar que eu queria ir, iniciei um processo de negociação com os proprietários da escola para que eles me pagassem parte dos meses de salários parcialmente atrasados. Foi uma negociação difícil, mas eu consegui obter o dinheiro suficiente para sair de Manaus, não sem antes ter ajudado meus amigos em situação difícil. Arianna voltou à Venezuela com a família para terminar os estudos de Contabilidade e Jhosi viajou comigo para a cidade de São Paulo, onde nos despedimos pela última vez. Ela pegaria um voo para a cidade de Santiago do Chile, onde se encontraria com alguns parentes.

Lá estava eu novamente com pouco dinheiro, uma mala e uma mochila. Outra vez esperando um voo, que agora me levaria até a cidade de Curitiba, uma cidade onde eu não conhecia ninguém. Não tinha ninguém esperando por mim, mas eu estava cheio de vontade para avançar, para reformular os planos quantas vezes

fosse possível até atingir meus objetivos... No início eu morei em uma pensão no centro da cidade. Lembro que o quarto era muito pequeno e não tinha luz solar. Era muito frio também. Era outono e eu não tinha roupa adequada para o frio da cidade. Resultado: acabei ficando doente nos primeiros dias. Depois de muito tempo senti medo, afinal estava sozinho de novo em uma cidade completamente desconhecida e, diferente das vezes anteriores, agora estava doente. O tempo passou e eu me recuperei. Não demorei muito para conseguir meu primeiro emprego na cidade. Lembro-me de conversar com meus amigos mais próximos pelo whatsapp e me divertia contando que tinha encontrado um trabalho organizando frutas e verduras numa espécie de quitanda. Apesar de não ser o que eu queria, pelo menos agora me sentia mais seguro. Não trabalhei muito naquele local, porque surgiram outras oportunidades que ofereciam um salário melhor, embora com horários menos flexíveis.

Foi assim que comecei a trabalhar em um restaurante de comida japonesa. Tudo era novo para mim, desde o ambiente de trabalho, onde havia gente muito gentil, até o nome das refeições que ali eram servidas. Penso com especial carinho em três senhoras que trabalhavam como cozinheiras, pois eram muito gentis comigo. Para falar a verdade, apesar do trabalho ser muito desgastante (eu trabalhava das 9h30 da manhã até às 23h da noite), me sentia feliz por estar em um ambiente agradável. O Sr. Ribeiro, que era o gerente do restaurante, me ensinou muitas coisas sobre o meu trabalho naquela época. Ele sempre foi muito paciente e tinha vontade de ensinar. Também me lembro que ele queria muito falar sobre futebol nas horas vagas. Eu fingia entender o que ele falava sobre as formações e jogadas, porém, na verdade, estava quase sempre pensando em outras coisas. Na realidade, nunca me interessei em entender esse esporte, mas foi muito divertido ouvi-lo falar apaixonadamente sobre esse assunto.

O trabalho no restaurante era pesado. Mesmo nos dias de folga estava cansado para sair, conhecer e aproveitar a cidade. Quando tinha alguns picos de energia eu caminhava durante horas pelo centro da cidade, o que era, de certa forma, um pouco terapêutico. Claro que estava interessado em conhecer a cidade, mas também queria descansar para continuar trabalhando o resto da semana. O tempo passou e em meados de novembro de 2018 fiquei sabendo por um amigo que a Universidade Federal do Paraná tinha aberto um processo seletivo onde me encaixava. Foi aí que resolvi enviar a documentação. No início a ideia era que eu pudesse participar do processo para ter uma experiência e saber como funcionava, para depois me preparar para fazer o vestibular no ano seguinte.

Retomada da vida Acadêmica.

Um e-mail confirmando o aceite dos meus documentos indicava que a prova para iniciar meus estudos universitários no Brasil estava próxima. Por um lado, queria preparar-me para passar pela avaliação, entretanto, na verdade, não tinha muito tempo livre para estudar. Algumas horas durante a semana em que aproveitava o intervalo do trabalho tornaram-se momentos para estudar matérias como Filosofia e Sociologia, em outros momentos estudava Biologia. Fazia muito tempo que não estudava essas matérias, porque os fundamentos do meu curso anterior eram números e cálculos. Em alguns momentos cheguei a duvidar da minha capacidade. Quando me sentia assim, repetia para mim mesmo que tudo ficaria bem e se eu não conseguisse naquele ano, poderia tentar no ano seguinte. Mas tinha algo que me pedia para estudar um pouco mais, sempre um pouco mais.

Numa tarde de primavera, caminhando pela rua XV de Novembro, cheguei pela primeira vez ao campus histórico da Universidade Federal do Paraná. A sensação naquele momento era indescritível, parecia uma epifania, um sentimento de pertencimento que eu não sabia de onde vinha. Por um momento consegui visualizar como deixaria aquele prédio do mesmo modo que qualquer outro aluno sairia. Foi só o início de uma relação com a universidade, talvez fruto da minha enorme vontade de pertencer a um lugar, de me sentir rodeado de livros novamente e respirando o ar da academia, ou talvez fosse eu mesmo tentando me convencer de que estava no caminho certo.

Chegou o dia da prova. Acordei e peguei o celular. Tinha um recado do Samuel me desejando boa sorte. Poucos sabiam que eu faria a prova naquele dia. Fiquei um pouco preocupado em não conseguir e sentir que havia falhado. Talvez tenha sido esse mesmo medo que me levou a hesitar em ir ao local do teste. Mandeí uma mensagem ao Samuel dizendo que não tinha certeza se deveria realizar o processo de seleção. Dois minutos depois recebi uma ligação no meu celular: era o Samuel me dizendo com palavras um tanto inadequadas que eu deveria me apresentar e que, na pior das hipóteses, eu estaria sentado em um domingo de manhã, e não limpando o restaurante onde trabalhava.

Conversar com o Samuel me encorajou e resolvi ir para o local da prova. Havia poucas pessoas quando cheguei, talvez ainda fosse muito cedo. Confesso que tenho uma leve obsessão pela pontualidade, eu não gosto de fazer os outros perderem seu tempo. Falei com algumas pessoas que estavam na fila enquanto esperávamos entrar no local de aplicação da prova.

De alguma forma, não fiquei nem um pouco nervoso. Uma sensação de autoconfiança se apoderou de mim naquele momento. Fu ao local indicado para comprovar de que estava tudo em ordem. Ao sinal de início, comecei a resolver o teste. Trinta minutos depois, eu já tinha terminado as questões objetivas. Só restava, portanto, a escrita. Vinte e cinco minutos mais tarde, terminei toda a prova. O tempo mínimo para a entrega do exame ainda não tinha acabado e tive que esperar sentado enquanto os minutos passavam. Fui o primeiro a sair da sala. Algo me dizia que estava tudo bem, porém a velocidade com que terminei a prova me fez duvidar um pouco da qualidade das minhas respostas.

Algumas semanas passaram e seguia trabalhando sem parar. Chegou o dia em que seriam publicados os resultados e tive que ir ao trabalho. Sempre que possível, eu checava o e-mail para confirmar se tinha saído o resultado. Foi só às cinco da tarde que recebi um e-mail dizendo: “Seja bem-vindo à Universidade Federal do Paraná, aguardamos você na próxima segunda-feira para participar do curso de acolhimento linguístico acadêmico.”. Não acreditava que tinha passado no vestibular e o que eu havia sentido alguns meses atrás era uma realidade, eu estava dentro da universidade novamente. Algumas lágrimas caíram dos meus olhos. O gerente do restaurante perguntou o que estava acontecendo, eu contei que tinha passado no processo seletivo e que agora tinha que escolher o curso, mas que não sabia se isso seria possível, porque os cursos pelos quais me interessava eram em tempo integral e eu tinha que trabalhar. A resposta dele foi: “Só se você for louco para hesitar em entrar na UFPR”. Claro que estava muito feliz, mas também estava preocupado. Eu não sabia como ia resolver a minha vida a partir daí, afinal eu estava sozinho, em uma cidade que não conhecia, sem apoio da família para iniciar esse ciclo.

Durante a segunda-feira em que foram realizadas as solenidades de boas-vindas, fiquei sabendo que a universidade oferecia um programa de auxílio para pessoas com fragilidade socioeconômica e que eu poderia usufruir dele porque preenchia os requisitos. Isso me trouxe um pouco mais de tranquilidade, embora deva confessar, estava morrendo de medo, pois o valor que ia receber da universidade não dava para pagar o meu aluguel e os custos do curso que havia escolhido. Naquele momento já era oficial, eu poderia entrar no curso de odontologia, como eu tinha planejado desde o início.

Foi uma época difícil no início, pouco dinheiro e muitas despesas: os cartões de crédito começaram a chegar ao limite com a compra da lista de materiais que o curso exigia. A alimentação nos fins de semana do primeiro semestre se limitava a farofa e pedaços

de calabresa, tudo com a intenção de que sobrasse algum dinheiro para pagar o transporte do local onde morava até a universidade. O semestre seguia e o banco ficava ligando para avisar que tinha que pagar as contas vencidas, o que gerou uma crise de ansiedade. Passei dias sem conseguir dormir, pois estava muito preocupado em como iria pagar umas contas que evidentemente não podia pagar naquele momento.

Além da situação com o banco, se juntaram outras que também não estavam vinculadas diretamente à universidade (com relação às disciplinas, ia tudo bem, eu tinha boas notas). Eu estava prestes a ficar na rua, porque o dinheiro não era suficiente para pagar o aluguel. A dona da casa em que eu morava na época estava me pedindo para trabalhar para ela em tempo integral e largar a faculdade. Obviamente minha resposta sempre foi que isso não iria acontecer, afinal eu tinha trabalhado muito para ocupar o lugar em que me encontrava. Diante da minha recusa, o normal era que ela aceitasse a minha decisão de seguir na universidade e pronto. Porém, ela não se deu por satisfeita e fez questão de me dizer quais eram, para ela, as razões claras para considerar que eu estava tomando a decisão errada. Segundo a sua lógica, o meu país estava em guerra e meus parentes estavam perto de morrer de fome. Depois de expor as suas opiniões, ela me informou que eu tinha um prazo de quinze dias para sair da casa, pois não queria manter qualquer vínculo comigo.

Nesse período a pressão aumentou. O semestre estava quase terminando e, apesar de ter tido um desempenho favorável, o que me deixou muito feliz, estava quase na rua. Mais uma vez comecei a me questionar se estudar era a decisão certa para um migrante. Precisava falar com alguém e foi aí que resolvi contar a uma amiga, que tinha conhecido na universidade, qual era a minha situação. Sem pensar muito a respeito, ela me ofereceu ajuda. Por mais que fosse importante para mim saber que contava com o apoio de uma pessoa amiga, não fazia sentido para mim interromper a dinâmica da vida de alguém que, apesar de ter a melhor das intenções, não tinha nenhuma obrigação de resolver meus problemas naquele momento.

Passaram alguns dias em que tentava organizar as minhas ideias. Foram dias difíceis, já não tinha aulas e, por isso, não tinha acesso ao restaurante da universidade. A situação com a dona da casa

ficava cada dia mais incômoda, ao ponto de cortar o gás e a internet que eu tinha pagado até aquele mês. Por esses dias um grande amigo que eu fiz na universidade, o Marcos, me deixou ficar em seu apartamento até o momento em que eu tivesse uma situação econômica melhor, o que pelo menos me permitiu conseguir um lugar para morar. Durante essas férias comecei a trabalhar em um parquinho por indicação de um bom amigo que também conheci na universidade.

Nos meses seguintes participei de um processo seletivo para morar na Fundação Casa de Estudantes do Paraná e fui um dos estudantes selecionados para residir nessa instituição, o que significou uma grande melhoria na minha situação. Claro, como em qualquer processo, eu enfrentei algumas dificuldades. Honestamente, situações que não representam um desafio costumam ser irrelevantes. Depois de mudar para a Casa do Estudante, pelo menos o tema da moradia já não representava um problema. Além disso, este novo ambiente também me permitiu conhecer pessoas que até hoje são grandes amigas.

No início do segundo semestre, pela primeira vez, me senti incomodado com a minha situação de migrante na universidade. Foi depois de ser questionado por um professor sobre a condição da minha matrícula, que tem a característica de ser para pessoas que estão em um processo de migração. Apesar de me sentir ofendido pelo comentário, tentei explicar a relevância do estudo para os migrantes e o impacto que considerações como essa geram nas pessoas que tentam se inserir em uma sociedade desconhecida. Argumentei, ainda, que em alguns casos o processo de migração não é uma escolha – muitas vezes representa a única alternativa para uma pessoa continuar viva. Depois de uma conversa no final da aula, acabei recebendo um pedido de desculpas, que acabei aceitando.

No final de 2019, como era de costume em cada período de férias, trabalhei para juntar o dinheiro do material para o semestre seguinte. Foi o que fiz até chegar a data de início do novo semestre. Um semestre que não durou muito, pois o mundo teria que enfrentar a pandemia de Covid-19, que nos obrigou a ficar em casa nos últimos dois anos.

Myria

PT Sair da Síria

Num dia comum, eu estava, como sempre, admirando o pôr do sol naquele horizonte alaranjado impressionante, e apareceu uma fumaça bem longe, que parecia ser fora da cidade, mas algo enorme, que imaginamos que poderia ser uma fábrica pegando fogo ou algo do tipo. Apesar que a guerra na Síria já tinha começado em outra cidade, a gente não imaginava e nem acreditava que ia chegar para a nossa cidade, nunca.

Dia após dia, essa fumaça chegava mais e mais perto do nosso bairro e da nossa casa, até que já estávamos dentro de um cenário de guerra assustador. E aquele privilégio de ter uma vista ampla para a cidade e pro horizonte virou o pior e mais triste cenário que se pode imaginar.

Passaram os meses e cada vez ficava mais e mais perigoso. Neste período da guerra, além do medo, ficamos sem eletricidade, no escuro, sem água e sem quase nada das necessidades básicas. Infelizmente, não era mais viver, e sim somente sobreviver.

Mas eu não queria desistir da minha vida ou simplesmente esperar morrer. A gente não tinha certeza se íamos estar vivos no próximo minuto ou próximo dia, então era muito importante aproveitar cada segundo e viver o que nos restava.

Muitos lugares da cidade antiga de Aleppo desapareceram e viraram pedras, levando junto uma herança de humanidade de mil anos, que ficaria somente na nossa memória e no nosso coração, com todos os momentos que vivemos naqueles lugares, tanta gente que passou por lá e com tudo que carrega de história.





Lembro que estávamos reunidos celebrando o Natal numa festa familiar antes da guerra. Mal sabíamos que aquele momento era o último encontro e a última foto nossa juntos antes que a vida de todo mundo mudasse e a gente se espalhasse pelo mundo.

Parte da família veio pro Brasil, outros parentes foram para Suécia, Alemanha, Estados Unidos e outros países.

Essa mudança na vida foi radical para toda a minha família que veio pro Brasil, inclusive meus avós, de 80 anos, tios e primos. Mas, graças a essa mudança, eu e minha família ainda estamos vivos e descobrimos outros talentos para reconstruir a nossa vida aqui no Brasil com esperança de um futuro melhor.

E quando saímos, no final de 2013, obrigatoriamente deixando o nosso lar por causa da guerra, foi o momento que nós tivemos que escolher aquilo que vale nas nossas vidas para levar junto, aquilo que realmente importa, e a saída foi tão corrida, com avião militar de carga com soldados, num ambiente de guerra total, num ambiente de guerra mesmo. Não foi uma viagem nada tranquila.

Mas essa saída foi muito marcante na minha vida, uma lição de vida, posso dizer, para você escolher aquilo que importa e deixar tudo pra trás para salvar a vida, salvar a alma.

Cada um de nós levou alguma coisa na bagagem interna, como a culinária, a música, a arte, a língua e muitas outras coisas. Então tentamos trazer até se fosse 1% da nossa cultura da Síria, para transmitir para o povo brasileiro aqui.

As lições na vida nunca pararam até hoje e todo dia aprendemos com as nossas experiências. Quando penso que eu já passei por uma guerra na minha trajetória e que isso foi o mais forte na minha história e acabaram os desafios, me dou conta que estou errada e que todo ano e todo dia que a gente acorda tem um novo desafio para enfrentar e aprender as lições de vida. Esses desafios nos tornam cada vez mais fortes, com mais experiência, e só adicionam aprendizagem na nossa jornada.

O ser humano tem capacidades escondidas que se revelam para enfrentar os desafios da vida, e

ele consegue mobilizar e encontrar essa energia para superar que é surreal.

Neste período de escuridão que vivemos lá, esperando uma luz no final do túnel, sonhando que Aleppo pudesse ter qualquer caminho para eu sair e fugir, eu precisava trabalhar em algo e não simplesmente esperar e esperar.

Então eu fui pedir pra que minha avó me ensinasse algo, como artesanato, e ela, com todo o prazer, me ensinou o crochê, e eu fui aprendendo com muita dedicação. Muitas vezes, sem eletricidade, usava uma luminária de emergência, que durava cerca de duas horas, e trabalhava buscando sempre trazer coisas difíceis e até a minha mãe me ajudava com ideias. Começamos a fazer acessórios de crochê bem coloridos e vendíamos muito bem, talvez porque as pessoas queriam algo feliz e colorido no meio de tanta coisa triste, dias cinzentos que estávamos vivendo.

Muitas vezes buscar lã era arriscar a vida, ir para ruas em bairros que estavam tendo muita briga entre militares e rebeldes. A gente entrava numa loja, comprava as sobras das lãs e o que tivesse na loja, porque a cidade estava cercada e fechada por muitos momentos e então não chegava mercadoria ou produtos pra cidade, e isso fazia com que todas as coisas fossem muito caras. E com essas lãs a gente fez muitas coisas criativas, coloridas e felizes.

Depois de esperar um tempo e aguentar os horrores da guerra, decidi mandar documentos para fora do país em procura de um futuro melhor e vida em paz, mas não era fácil. Nenhum país aceitava os sírios naquele momento, assim, legalmente, quero dizer. Tinha a opção de tentar viajar ilegalmente com barco pelo Mediterrâneo, pagando um contrabandista desconhecido de tráfico humano. Muita gente caiu em golpes e vendeu suas casas para poder pagar e sair, mas ficou na guerra, na rua e sem uma chance de uma vida melhor. Eu e minha família não queríamos arriscar neste caminho, então... depois de 6 meses de esperança de encontrar um país que me aceitasse como humana que queria somente viver em paz, eu mandei meus documentos para o Brasil. Em pouco tempo tive retorno que meu visto foi liberado, e a minha missão era sair de uma cidade cercada de rebeldes, como Aleppo, e sair do país para retirar o único visto que eu consegui, na embaixada do Brasil no Líbano.

O dia da saída

Quando eu sabia que estava chegando mais perto o dia de saída, fui fotografando a nossa casa, porque sentia que nunca veria este lugar de novo. Pelo menos queria levar uma lembrança daquele lugar que eu amo. Mas, quando o meu pai viu que eu estava tirando estas fotos, ele ficou incomodado e me falou que eu não precisava fazer aquilo, porque ele negava a realidade que tínhamos que deixar tudo e sair.

Fui para o meu quarto e tentei fazer as malas e encaixar todas as minhas coisas e minha vida nelas, mas não cabia tudo, claro. Eu tinha uma lembrança, uma madrepérola pequena e frágil, que queria tanto levar comigo, mas parei e percebi que não tinha como levar, porque quebraria e eu a perderia. Esta madrepérola para mim tinha muito valor emotivo e me ensinou uma grande lição na vida, que às vezes você tem que se despedir e desapegar de coisas muito significativas para você, para poder abrir espaço para novas oportunidades e o futuro por vir. Depois disso, olhei para as duas malas que tinha enchido e percebi que nada disso valia nada, nada mesmo.

Para minha surpresa, na hora de fugir, tive que deixar essas duas malas e somente carregar comigo uma mala pequena (*handbag*), compartilhando-a com meus pais, e descemos as escadas às pressas. Mal nos despedimos da minha família, que morava no mesmo prédio. Olhei para eles com aquela incerteza se ia conseguir encontrá-los depois ou não.

Graças a uma amiga de uma amiga da minha mãe, soubemos que alguém viria nos ajudar a sair de Aleppo, mas não sabíamos como seria.

Então, quando saímos do prédio, encontramos uma camionete picape militar com metralhadora pesada do lado de trás, e dois soldados armados que iam nos levar até o aeroporto de Aleppo.

Sentei no banco de trás no meio dos meus pais, e o caminho foi muito estranho e incomum até chegar ao aeroporto, pois a estrada rápida era muito perigosa.

Só que, quase no final do caminho, se aproximando da entrada do aeroporto, o soldado falou para o outro: se prepare!! Olhei nos olhos dos meus pais e perguntei: Prepare para o quê?

Mas eles não responderam. O soldado do lado do motorista preparou a arma dele e sentou na janela, apontando a arma e se preparando para um ataque. O motorista começou a dirigir numa velocidade louca, e estávamos muito assustados. Mal sabia que ele estava fugindo de um sniper (atirador) que sempre atirava neles naquele ponto, nas idas e voltas deste caminho.

Mas graças a Deus passamos vivos.

Entramos no aeroporto. Estava muito escuro e era um ambiente totalmente militar, com pouquíssimos civis. Naquela exata noite, os rebeldes do Estado Islâmico tinham ameaçado atacar o aeroporto e queríamos sair logo de lá. Dizem que até a luz da lua é perigosa para revelar quando o avião vem para pousar. Então tínhamos que esperar algumas horas até a lua descer. Finalmente escutamos um barulho e chegou o avião. Saímos na pista para ver como ele ia pousar num escuro total da cidade. Tinha um homem só segurando uma lanterna e apontando no chão, e aquele exato ponto de luz seria o único sinal para o piloto se direcionar e acertar pousar com sucesso.

Mas consegui, e finalmente chegou a nossa única esperança de saída da cidade. Era um avião de carga muito pequeno e muito antigo, aquele tipo que você não tem onde sentar e abre por trás para você pular ou descarregar as coisas, com buracos de balas e efeitos de guerra no corpo do avião. Entraram conosco uns 70 soldados, exaustos de 3 anos de guerra. Quando começou a decolagem do avião, os rebeldes começaram a atirar no escuro, tentando atirar no avião. Não consigo esquecer do som das balas passando no ar próximo ao avião e justamente tinha um buraco grande no avião, atrás das minhas costas. Neste momento fechamos os olhos e segurei as mãos dos meus pais, rezando.

Alguns minutos depois, o piloto nos diz que atingimos uma certa altura e que já estávamos seguros. Falou que mudou o destino e que íamos para a capital da Síria, Damasco.

Chegamos em Damasco e a situação estava perigosa também por lá. Aguardamos no aeroporto até amanhecer e depois fomos direto para passar a fronteira e ir pro Líbano, para finalmente pegar o meu visto pro Brasil.

Voltamos eu e meus pais à Síria para uma cidade do litoral chamada Latakia, esperando a data da minha viagem, e somente voltamos para Beirute na data do meu voo.

Tudo isso exigiu muita coragem, especialmente dos meus pais, que arriscaram tudo para salvar o meu irmão antes, e depois me salvar. Só por último eles saíram, depois que toda a família já tinha chegado ao Brasil. Ainda lembro a sensação de quando o avião no Líbano começou a decolar. Senti medo, incerteza de tudo por vir. Foi uma dor, era como se o meu coração estivesse se separando do meu corpo e ficando lá na minha terra, enquanto o meu corpo seguia em frente. Mas a vontade de viver em paz e de um futuro melhor me dava força e coragem de enfrentar tudo aquilo.



Myria narra a sua saída da Síria.



Ninoska

PT Antes: a Venezuela

A Venezuela foi uma colônia espanhola que conseguiu sua independência depois de muitas lutas. Um país com abundantes recursos, de fato, é o que possui as maiores reservas do mundo, mais do que Canadá, México e Estados Unidos juntos. Possui minas que contêm ferro, coltan, ouro, cobre, caulim, dolomita e diamantes. Em 2018 descobriu-se uma das maiores minas de ouro do mundo, chamada "Arco Minero del Orinoco". É o país com maior litoral banhado pelo mar do Caribe, incluindo praias, ilhas e arquipélago. É o décimo país com mais recursos hídricos e abriga uma das maiores reservas de biodiversidade.

A corrupção, tanto de dentro como de fora, destruiu o país que conheci. Parece-me que está sequestrado e cheio de explorações minerais ilegais. Tiram os recursos do país com máfias internacionais e o cidadão comum não tem ferramentas para enfrentar essas máfias e políticas corruptas.

Sinto-me uma extraterrestre no meu país. Já não posso suportar seguir vivendo e vendo tanta injustiça lá. A Venezuela está sequestrada atualmente e nossa floresta amazônica está sendo devastada. Não temos garantidos os direitos, está somente escrito na constituição, mas não é cumprido.

Esta conversa eu presenciei enquanto estava no elevador em um edifício residencial e foi entre dois meninos que tinham em torno de 10 anos de idade. Eles se dirigiam ao treino de futebol.



ES En menos de lo que dura un polvo (Ninoska Pottella)

- Que bom que vamos treinar. Quero jogar bem hoje.
 – Eu também quero jogar bem.
 – Tomou café da manhã?
 – Não, e você?
 – Não, mas almoçou?
 – Também não almocei.
 – Ah! Certamente você vai almoçar quando a sua mãe chegar.
 – Ela não sabe se vai conseguir trazer comida para casa. Não tem dinheiro e não consegue quase nada.
 – Na minha casa é igual. Não sabemos se vamos comer hoje.

Eles pareciam muito magros e seus uniformes estavam deteriorados, mas, de qualquer forma, foram com muito entusiasmo para o treino. Esse é o reflexo da Venezuela que deixei. Um sistema que está acabando com o futuro de um povo.



Acesse o QR Code e ouça o testemunho de Ninoska sobre seu país natal, Venezuela.



En menos de lo que dura un polvo
 se roban una idea
 se roban lo inspirado
 de un artista encerrado
 en un iracundo autismo
 creando, solo creando
 En menos de lo que dura un polvo
 ven en sus manos brillando
 algo que no han parido
 ni en siete vidas del gato
 En menos de lo que dura un polvo
 estarán todos celebrando
 y no faltará el que pregunte
 a los criminales en el acto
 ¿ Cuanto cuesta la obra?
 ¿ Dime cuanto? ¡Yo la pago!
 En menos de lo que dura un polvo
 Se robaron los aplausos
 se robaron un país
 Y quien sabe otros cuantos.

Depois: o Brasil

Minha estadia no Brasil não tem sido fácil, desde que as coisas começaram a piorar na Venezuela, em todos os sentidos, pois a cada dia fica mais difícil a subsistência dos meus filhos lá. Para cobrir as necessidades básicas, eu não tinha dinheiro para enviar por não ter um trabalho fixo. Ainda não existia o “Programa de Acolhimento” para os venezuelanos no Brasil.

Lembro que um dia meus filhos me chamaram pelo celular e disseram que já não tinham nem comida. Naquele momento me desesperei porque eu também não tinha dinheiro. Decidi pegar meu instrumento musical e fui tocar na avenida do Alto da XV para ver se tocando conseguia levantar algum dinheiro. Meu esposo, na época, me levou até o lugar em seu carro novo. Fiquei sozinha nessa rua que me parecia imensa, de tão solitária que me sentia, e ele foi fazer suas atividades, não se importava com a minha situação. Eu não tinha caixa de som e ninguém conseguia me escutar. Então caí em prantos, derrotada, em um dos bancos da avenida. Chorei muito por não obter êxito no meu propósito em reunir dinheiro cantando na rua. Foi então que se aproximou um cantor me dizendo para não chorar, pois ele me emprestaria sua caixa de som para eu poder cantar. E assim foi que comecei a cantar. Logo foram chegando cada vez mais pessoas para escutar meu repertório de músicas latinas e, até o final daquela tarde, nos deram dinheiro suficiente. Agradei muito ao senhor cantor por sua gentileza e, desde aquele dia, mantemos uma linda amizade. Nunca contei a ele minha trajetória artística na Venezuela, nem eu mesma me lembrava naquele momento. As luzes, as câmeras, os palcos, isso havia ficado no passado. Consegui enviar dinheiro para os meus filhos esse dia e foi uma sensação que com um suspiro e uma respiração profunda explica a tranquilidade que entrou no meu coração.

Ao chegar em casa, meu, até então, marido nem sequer me perguntou como havia sido, não se importava porque não eram seus filhos. A bela mansão na qual vivíamos não deixava transparecer minha pobreza econômica, situação pela qual ele não passava. E os

problemas dos meus filhos adolescentes eram somente meus.

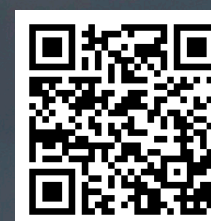
Novamente tinha que enviar dinheiro aos meus filhos, então, vi no Facebook que uma amiga venezuelana estava buscando uma mulher para realizar algumas diárias de limpeza em seu apartamento. Decidi escrever para ela e no outro dia fui trabalhar. Ao chegar para fazer a limpeza, quem abriu a porta foi seu jovem esposo, que me pareceu ter um aspecto diferente. Sua roupa esportiva, seu corte de cabelo, tudo muito chamativo. Entrei e comecei a fazer meu trabalho de limpeza. Passado um tempo, a mãe da minha amiga me informou que o jovem era nada mais, nada menos, que o jogador estrela de futebol da *Vinotinto* que, neste momento, estava jogando no Coritiba, “Maestrico González”. Emocionei-me muito com a alegria e o orgulho venezuelano. Descobri que “Maestrico González” é uma pessoa maravilhosa, humilde, um homem decente e bom exemplo a seguir. Os membros da sua família também são pessoas gentis e maravilhosas. Depois de criar confiança, até falamos que eu era uma empresária e artista venezuelana que estava em circunstâncias difíceis, mas, correndo atrás, tudo se solucionaria. Meu trabalho foi feito com tanto carinho que me chamaram para as diárias até que terminou o contrato com o Coritiba.

Meu marido passou para me buscar ao final do meu trabalho com sua imponente caminhonete porque ele tinha uma reunião familiar e era o mesmo trajeto. Sem se importar como havia sido, mas o importante é que eu pude enviar dinheiro para que meus filhos pudessem seguir sobrevivendo na Venezuela. Outra vez respirei fundo e suspirei de satisfação e alegria por meus filhos receberem a remessa para os gastos básicos.

Assim que comecei a cantar de maneira mais seguida e organizada, com grupo ou sozinha, com meu instrumento folclórico *cuatro*, tudo começou a fluir. A interação com as pessoas, cantar em festivais, eventos públicos e privados, entrevistas, até conseguir o prêmio de reconhecimento pela minha trajetória cultural no estado do Paraná. O Brasil me acolheu como a uma filha, me sinto, felizmente, reconhecida.



Accesse o QR Code e escute a canção “Inmigrante”, de Ninoska Pottella.



Russel

PT O terremoto do dia 12 de janeiro de 2010

Sempre tive o sonho de cursar Economia na capital do Haiti, Porto Príncipe. Enfim chegou o momento e eu pude realizar esse sonho de ir estudar na capital.

Entretanto, no dia 12 de janeiro de 2010 esse sonho foi interrompido temporariamente. Eu estava dentro da sala de aula na faculdade assistindo uma aula de Economia Política quando um amigo me chamou para conversar fora da sala. Quando estávamos no corredor, pude ouvir um barulho muito alto lá fora. Corri até o lado de fora do prédio, pois achava que poderia ser um conflito entre a oposição política e os militares. Ao sair, percebi que o problema era outro. Fiquei próximo a uma quadra de basquete e nesse instante eu vi com meus próprios olhos a quadra inclinar e ficar como que em um ângulo de 90 graus. Olhei ao meu redor e alguns buracos começaram a abrir no chão. Em menos de 20 segundos tudo o que os meus olhos conseguiam ver estava sendo destruído. Naquele exato momento estava vivenciando um terremoto que iria destruir praticamente metade do país.

Voltei para o que restava do prédio da faculdade e debaixo dos escombros pude ver um amigo meu prensado por uma escada de cimento muito pesada. Tentei ajudá-lo, mas a escada pesava toneladas e não consegui movê-la nenhum milímetro. Foi quando percebi que não conseguiria ajudar meu amigo. Nesse momento, ainda em choque com tudo que estava acontecendo, lembrei das minhas duas irmãs, que estavam em casa. Corri até a minha casa na esperança de poder encontrá-las.



No caminho não conseguia imaginar como tudo aquilo estava acontecendo. Quando você pensa em um terremoto, deve imaginar apenas a terra tremer. Porém, os tremores desencadeiam vários eventos trágicos. Postos de gasolina com carros pegando fogo a ponto de explodir. Postes da rede elétrica com fios de alta-tensão expostos podem causar terríveis choques. E também o sistema de esgoto e água, vazando por onde tinha espaço. As ruas em caos, com pessoas de todas as idades, com todo tipo de ferimento e até mesmo todo tipo de morte. Tudo isso gerou para o Haiti mais de 300 mil mortos.

Nesse momento eu tinha apenas uma missão: chegar em casa e ver as minhas irmãs. Elas estavam debaixo de alguns escombros gerados pela destruição da parede da casa. Consegui resgatá-las e, logo após o resgate delas, meus outros dois irmãos, que estavam na faculdade, chegaram em casa. Nos abraçamos e choramos muito. Estávamos tristes com toda aquela situação da nossa nação, mas ao mesmo tempo aliviados em poder ver a nossa família a salvo. Esse choro e abraço foi como um renovar para as nossas almas. Saber que a minha família estava segura me fez entender que estava tudo bem, mesmo em meio a todo o caos. Tomado por uma compaixão pelos meus compatriotas, eu e meus irmãos fomos ajudar as demais pessoas. Encontramos um ministro muito importante no caminho. Ele havia perdido seus pais, esposa e os dois filhos. Em choque ele se uniu a nós e fomos até uma escola ajudar no resgate de crianças. Nesse momento não existia cargo ou nível social, todos estávamos unidos na tentativa de salvar mais pessoas. Ao chegar na escola ficamos a noite toda tentando remover escombros e ajudar as pessoas feridas. Não dormimos, ficamos a noite toda em claro. Quando o dia estava amanhecendo, eu e meus irmãos decidimos voltar para a casa dos nossos pais, que ficava a cerca de 68 km de distância.

Conseguimos um energético à base de cafeína e seguimos viagem. Andamos muito, muito mesmo. Depois de uma noite em claro e cerca de 12 horas de caminhada, chegamos ao nosso destino. Sujos, com fome, com sono e completamente exaustos. Foi quando chegamos onde nossos pais moravam. Encontramos todas as pessoas na rua, e várias barracas montadas para que as pessoas pudessem passar a noite.

Nessa hora eu e meus irmãos encontramos meus pais. Foi um momento singular. Poder olhar nos olhos deles e sentir o seu abraço era algo mais valioso que qualquer bem que o dinheiro pudesse comprar. Nos abraçamos e choramos. Tristes e felizes ao mesmo



tempo, uma mistura de sentimentos que eu não consigo descrever em palavras.

Ficamos ali por um bom tempo vivendo em barracas. Tremores menores ainda surgiam umas 3 vezes por semana. As pessoas colocavam tapetes e colchões na rua, na tentativa de fazer uma pequena comunidade, que dormia ali mesmo, a céu aberto, pois todos temiam entrar em casa e um novo terremoto aparecer. Os mais jovens se revezavam à noite numa vigília, na tentativa de manter a nossa segurança. Não existia privacidade e nem o conceito de privado, ali éramos um só. Me lembro de um grupo de cristãos que acordava toda noite às 4 horas para orar e cantar louvores. A ajuda veio de muitos lugares, inclusive de instituições cristãs. Infelizmente muito do dinheiro que o governo recebia da corrupção se desviou mesmo em meio a essa tragédia.

Demorou mais de 8 meses para eu voltar a entrar em uma casa. E mesmo voltando a dormir em casa, muitos traumas foram gerados. Até hoje não consigo dormir em prédios e, quando estou em um lugar que passam carros ou ônibus que geram aqueles pequenos tremores, o meu corpo fica em estado de alerta.

Tudo isso que passei foi duro e difícil. Depois dessa tragédia, ajudei minha nação por muito tempo através de uma ONG. Os anos se passaram e hoje moro no Brasil com a minha família.

Nesse exato momento, vivemos uma pandemia, que tem abalado o nosso chão. Posso dizer que já tive a sensação de ter o chão abalado na minha própria pele. Passar por essa experiência fez com que um novo Russel Cerília nascesse. Hoje eu valorizo muito mais a vida. Seja qual for a vida, independente de posição política, crença, raça ou cor. A vida tem um valor intangível, não é possível comparar o valor da vida de alguém com qualquer bem material.

Mesmo em tempos de pandemia, aprendi com a minha história que devemos ter esperança e não desistir. Devemos lutar até o fim das nossas forças. Graças a Deus não estamos vivendo um novo terremoto. Temos em nossas casas água, luz e comida. Temos também a possibilidade de ajudar aqueles que passam necessidades. Precisamos entender que somos um só povo e devemos nos ajudar. Hoje posso trabalhar de casa, estudo em casa e vejo como sou privilegiado em poder continuar trabalhando e estudando mesmo em meio à pandemia. Aprendi também que Deus sabe o dia e a hora de eu partir e ninguém pode atrasar ou adiar esse momento. A minha vida está nas Suas mãos e é Ele quem cuida de mim em meio ao caos.

Tenham esperança, fé em Deus e força para enfrentar esse tempo, pois esse tempo vai passar.

A minha migração

Sim, fui. Em primeiro lugar, era um planejamento econômico que levaria quase os dois primeiros anos do presidente M. Martely no poder. Em seguida, eu pesquisei em relação aos meus interesses. Por fim, depois de saber aonde eu ia, arrumei os documentos necessários e era mais ou menos isso.

Na época, conseguir um visto era uma coisa que custava muito. Então, eu tinha um amigo que morava no Equador, aí entrei em contato com ele para me ajudar a entrar para o Equador. Ele tinha um amigo padre que organizava essas coisas, aí o padre mandou uma carta de convite para eu ir participar num evento da igreja católica. Fui lá e participei do evento, depois atravessei a fronteira para o Peru e aí entrei pelo Acre no Brasil.



Sentimentos da migração

Cada vez que conto esta história... a princípio, isso me permite viajar no tempo, mais particularmente no passado, e aproveito sempre o momento para analisar o presente me questionando: onde estou agora, em meus projetos pessoais, meus engajamentos políticos e panafricanistas? E faço uma projeção para os próximos anos que seguem. Houve um dia em que eu cheguei a chorar em um de nossos encontros das residências artísticas para a produção deste livro. Lembro disso para dizer como é verdadeiramente emocional contar a história de minha vida e como penso que ela poderia ser útil de maneira positiva na vida de qualquer outra pessoa. Gostaria de terminar dizendo que não foi fácil para mim. Mas os exercícios que tivemos em nossos encontros representam um pouco do que eu precisava, em termos de terapia, para mergulhar no tempo de maneira mais objetiva.



Russel contando um pouco mais sobre sua vinda e sua vida no Brasil.



CAPÍTULO



Vislumbrar
o porvir

*Pour ma génération perdue dans l'élan de vivre
ailleurs qui hante mon rêve de liberté.*

FR *Marcher dans le vide...*

Vie en transe.

*On erre dans la danse folle de l'immigration
Qui mène d'un bout à l'autre dans le tunnel de l'agonie.*

*Il pleut des promesses de vie
A l'horizon, rêves sans sommeil,
Planquées sous la mince couche du dieu vert
Qui nous fait de petits clins d'oeil
Et des sourires de survie.*

*Dans le vide, on avance, moi le premier
Vers la lune des rêves qu'on peut plier et glisser facilement dans la poche.*

*La vie retrouve tout son sens ailleurs
Quand la terre tremble
Et dans la tête
Et dans le coeur
Et sous les pieds.*

*Marcher dans le vide
C'est tout ce qu'il nous reste, semble-t-il,
Pour gratter la vie ailleurs;
Des problèmes par dessus la tête,
Et des regrets plein la gorge.*

*Marcher dans le vide
C'est tout ce qu'il nous reste
Quand la vie nous étouffe
Et qu'on se laisse faire.*

Dure

*La traversée mais on avance
Comme en enfer.*

*On marche ailleurs, comme dans le vide
Car le monde ne nous comprend jamais.*

*On marche ailleurs, comme dans le vie
Car le monde ne nous accepte jamais
Avec notre histoire et la gloire au bout des yeux.
Avec la victoire collée sur notre peau bronzée,
Symbole du soleil de la liberté de l'homme!*

*Quel avenir me reste-il, ainsi que pour les miens,
Au milieu de toute cette haine forgée de tout pièce
Qui veut nous enfoncer plus bas que la mort elle-même?*

*Quel fruit nous réserve l'immigration
Si elle nous oblige à marcher
Dans l'ombre de l'existence?*

*On marche dans le vide,
La dignité coupe
En mille petits morceaux de honte.*

*J'attends quand même de me reconstituer
Dans les bras tropicaux de mon île, chérie...*

CARLILE MAX DOMINIQUE CERILIA
HAITI

*Para minha geração, perdida no ímpeto de viver fora do país
que assombra meu sonho de liberdade.*

^{PT} *Andar no vazio...*

Vida em transe.

*Nós vagamos na dança maluca da imigração
Que nos leva de uma ponta a outra no túnel da agonia.*

*Chovem promessas de vida
No horizonte, sonhos sem sono,
Escondidas sob a fina camada do deus verde
Que nos dá piscadinhas
E sorrisos de sobrevivência.*

*No vazio, avançamos, eu o primeiro
Em direção à lua dos sonhos,
Que pode ser facilmente dobrada e guardada no bolso.*

*A vida encontra todo o seu significado lá fora
Quando a terra treme,
E na cabeça
E no coração
E sob os pés.*

*Andar no vazio
É tudo que nos resta, ao que parece,
Para arranhar a vida em outro lugar.
Problemas ocupam toda a cabeça,
E arrependimentos enchem a garganta.*

*Andar no vazio
É tudo que nos resta
Quando a vida nos sufoca
E nós lhe deixamos levar.*

Dura

*A travessia mas avançamos
Como no inferno.*

*Andamos em outro lugar, como no vazio
Porque o mundo nunca nos entende.*

*Andamos em outro lugar, como no vazio
Porque o mundo nunca nos aceita.
Com a nossa história e glória no fundo dos olhos.
Com a vitória colada na nossa pele bronzeada,
Símbolo do sol da liberdade humana!*

*Que futuro resta para mim e meus compatriotas
No meio de todo esse ódio forjado do nada
Que quer nos afundar mais baixo do que a própria morte?*

*Que fruto a imigração nos reserva
Se ela nos obriga a andar
Na sombra da existência?*

*Andamos no vazio,
A dignidade corta
Em mil pedacinhos de vergonha.*

*Ainda estou esperando para me recompor
Nos braços tropicais da minha ilha, querida ...*

TRADUÇÃO
CARLILE MAX DOMINIQUE CÉRILIA
HAITI

Gloire

SÃO JOSÉ DOS PINHAIS,
3 DE JULHO DE 2021.

A você, minha querida Gloire,

Examinei com muita atenção o modo de vida que você leva e isso me encoraja a te fazer algumas recomendações importantes sobre sua saúde. Para estar saudável, é necessário ter uma boa disciplina, considerando seus problemas de saúde. Um bom sono é, aliás, recomendado para o equilíbrio no dia a dia. Você deve buscar dormir em uma hora adequada para resolver seu problema de excesso de trabalho. Em seguida, virá o esporte. Não passe momentos na inatividade, se levante! Retome a caminhada, como você fazia antes.

Também é muito bom rever sua maneira de apreender as coisas e de olhar para os problemas cotidianos, pois, você sabe, tudo acaba por se resolver.

Espero igualmente que você seja menos rigorosa, menos severa com relação aos seus filhos. Seu caráter bastante forte te dá a aparência de uma pessoa demasiado exigente. Seja mais compreensiva. Continue a ter cuidado com os outros à sua volta. Não se permita desencorajar pelas críticas ou pela ingratidão dos outros. Os obstáculos fazem parte do percurso humano.

Gloire



Maiker

CURITIBA,
3 DE JULIO DE 2021.

Caro Maiker,

Una vez que eres migrante pensar en el futuro se vuelve difícil, todos tenemos una proyección de vida, pero cuando se vive este proceso se entiende que no siempre todo lo que se planifica suele estar de acuerdo con lo que la vida nos depara. El presente es cambiante, las ideas cambian y en ocasiones lo que se creía correcto deja de serlo, es difícil pensar en el futuro.

Cuando pienso en el Maiker del futuro puedo imaginar algunas cosas, cosas que incluso son mi prioridad en este momento: espero estar trabajando en el área de la Salud, y tener la oportunidad de reunir nuevamente a mi familia, al mismo tiempo que me imagino como el papá de dos niños que juegan el domingo en el patio de una casa grande.

Me imagino también trabajando con migrantes quienes como yo tuvieron que salir de su país para construir una nueva vida, enseñando y compartiendo el conocimiento que solo se adquiere a través de las experiencias - al mismo tiempo que consigo equilibrar la vida familiar, y es que para mí el futuro es sinónimo de familia.

El futuro también está lleno de amigos. De viejos amigos y amigos que el tiempo va dejando también.

En el futuro también está claro un regreso a Venezuela, tal vez no para vivir, pero es que sin duda aún quedan cosas pendientes.

El futuro está lleno de sueños realizados y de algunas incertidumbres propias de un individuo que no le teme a los nuevos comienzos.

Maiker



Myria

CURITIBA,
27 DE JUNHO DE 2021.

Querida Myria,

Eu sabia que você ia conseguir!

Se desafiar e resistir às dificuldades sempre esteve no seu sangue e na sua identidade. Isso que te levou onde você está hoje e ainda vai te levar muito mais longe, então siga sonhando.

Te vejo uma mulher bem resolvida, uma mulher corajosa, feliz e realizada. Uma mãe sorridente e carinhosa. E com muitos sonhos e objetivos na vida pra frente.

Acredite que você será uma grande empreendedora, e tudo que você viveu te tornou ainda mais forte e preparada para enfrentar qualquer barreira ou desafio. Sem medo.

Terá um futuro brilhante do lado do seu parceiro de vida, o Oscar. Juntos, vocês dois vão ir além dos horizontes, para um futuro cheio de luz, sucesso e muita felicidade.

Sempre vai encontrar pessoas no seu caminho que te apoiam e torcem por seu sucesso na vida. Mas também terá pessoas que vão te atrapalhar. Acredite sempre na sua capacidade e coragem e siga firme nos seus sonhos. E lembre-se sempre de agradecer e aproveitar a cada segundo desta segunda chance de vida, e viva seus novos horizontes.

Myria



O futuro é hoje

Quando cheguei ao Brasil, me senti num paraíso, em paz e muito segura. Enxergava um monte de oportunidades e sonhava com meu futuro. Mas esta liberdade tinha o seu preço também. Enfrentamos muitas dificuldades nos primeiros anos. Especialmente o desafio do idioma, que dificultava muito a nossa integração no mercado de trabalho. Até coisas pequenas do dia a dia, como comprar um pão, documentação, transporte etc. para nós pareciam impossíveis.

No meu caso, fui fazer e vender acessórios de crochê nas igrejas. Não imaginava que aquele artesanato que a minha avó me ensinou na guerra ia me sustentar nos primeiros meses e pagava parte do aluguel num pensionato de estudantes onde eu morava, no centro de Curitiba.

Fui atrás dos meus sonhos com muita força e sempre coloquei os objetivos lá pra cima. Por exemplo, na primeira aula de português, já tinha colocado o objetivo de aprender este idioma e viajar o Brasil para palestrar e contar a minha trajetória. Consegui e fiz muitas palestras e hoje, depois de 8 anos, estou muito feliz em escrever a minha história em português para vocês.

Realmente tivemos que nos reinventar do zero e usar todas as capacidades e maneiras para sobreviver ao recomeço num novo país. Mas também tivemos muita ajuda de pessoas desconhecidas, como se fossem anjos na nossa vida, e começou a crescer a nossa linda família brasileira.

A minha família começou vendendo comida árabe pros vizinhos do bairro. Assim nasceu o projeto chamado Yasmin Comida Árabe. E foi crescendo, entre eventos, feiras e pedidos sob encomendas. Depois abrimos a própria casa para receber pessoas num jantar temático, com aquele banquete de comida árabe maravilhoso da minha mãe, Zuka, acompanhada pela música árabe tocada pela nossa banda familiar, o Trio Alma Síria. Achamos que já estávamos quase estabelecidos e, para nossa surpresa e de todo o planeta, chegou a pandemia, e a minha mãe teve que se reinventar e começou trabalhar com comida congelada e pronta-entrega.

O Trio Alma Síria é formado por mim, no instrumento do Qanun, de 78 cordas, meu irmão, Abed, no Al Oud, e minha cunhada, Lucia, no canto. Juntos nos apresentamos em muitos espaços culturais e teatros no Brasil e fomos tocar duas vezes no Itamaraty, em Brasília.

A minha cunhada, Lucia, foi a primeira refugiada a se formar pela Universidade Federal do Paraná, continuando o sonho de estudar que a guerra interrompeu quando precisou sair do país. Agora é formada e atua como arquiteta, como o meu irmão.

Os acessórios de crochê me levaram a trabalhar com pedras brasileiras e conseqüentemente a descobrir um talento de designer de joias, que veio no meu sangue pelo trabalho do meu pai, Botros, com mais de 30 anos de experiência como joalheiro e cravador de diamantes. Desde sempre amava ver ele trabalhando, desenhando e criando obras de arte em forma de joias. Essa paixão foi crescendo e decidi estudar Design de Joias em São Paulo.

O meu trabalho final consiste em trazer a história do meu país, de uma cidade histórica chamada Ebla, que era famosa no trabalho de joalheria 3.000 anos a.C. E das rainhas da Síria, como Zenóbia, e toda a coragem dela, que transmito na minha marca de joias, Ebla.

Hoje

Às vezes paro pra pensar. Quantas decisões a gente toma diariamente, em cada segundo. Para estar onde estamos hoje, no Brasil, em Curitiba. Agora.

Parece sonho, mas esta mudança de vida me levou a conhecer o amor da minha vida, o Oscar. Que veio também do país dele, da Venezuela, há oito anos e meio atrás, em busca de estudar e de um futuro melhor. Nós nos conhecemos no Memorial de Curitiba, no final de 2017, num evento chamado Pavilhão Étnico, evento que reuniu todas as diversas etnias formadoras da cidade. O nosso amor é uma grande amostra de quebrar todas as barreiras, sejam linguísticas ou culturais, e ter muita coisa em comum para compartilhar e viver em harmonia.

Ninoska

CURITIBA,
26 DE JUNHO DE 2021.

Cara Venezuela,

Hoje acordei pensando em você e sei que está sofrendo. Acordei querendo acalmar sua fome, sede, tristezas. Desejando te abrigar e dizer que tudo ficará bem. Que seus filhos voltarão à você com experiências novas. Acordei desejando levar para você a semente de uma árvore charmosa pela qual estou apaixonada de nome “pinheiro” para semeá-lo com você no nosso jardim junto al araguaney, as orquídeas, a mata de arnica, as amapolas, o malojoillo e tantas florzinhas coloridas que crescem enfeitando tudo. E então, recordar minha estadia no Brasil. Acordei desejando levar um pouco de mate para fazer chimarrão e que você sinta o que eu senti de bom, abraçada às pessoas desse belo lugar.

Encontro você pelas esquinas desta cidade amiga, na semelhança de algum edifício, um olhar, qualquer gesto que me traga um momento vivido contigo. Como o cheiro de café ou a presença das guacamayas que aqui se chamam “papagaios” e voam enfeitando o leste de Caracas.

Conto à você que minhas netas estão encantadoras. Melody já tem três meses e os traços saíram ao seu pai brasileiro, com esse tom de imigrante italiano que criou raízes aqui. Dorothy nasceu gaiega como minha mãe, filha de espanhol loiro, e contrasta com minha pele parda que, com orgulho, herdei do meu pai. Tem ouvido rítmico e melódico já começando a aparecer o gosto pela música como a família. Compusemos uma música para você que descreve nosso amor por você e agora também pelo Brasil.

Contar como estão hoje meus filhos é te contar como está a maioria dos jovens que andam pelo mundo buscando um espaço novo. Jovens de movimentos migratórios forçados dos últimos anos buscando ganhar respeito. Algo que facilmente se encontra nos tratados e leis sobre migrantes, mas que na realidade, eles têm que demonstrar que são merecedores dessa sorte de oportunidades que tem um cidadão por nascimento. Todos sabem o que é um imigrante, mas quase ninguém sabe o que é a migração. Meus filhos deixaram na Venezuela suas carreiras universitárias inacabadas para se refugiar aqui. Agora, se dedicam a trabalhos que são dignos, mas totalmente o contrário do que tinham planejado na Venezuela. Hoje desejam seguir estudando e dão graças a Deus pelo que têm, pois tomaram um sopro de oxigênio por como se tornou a situação do seu sequestro, amada Venezuela.

Ninoska



Russel

PINHAIS,
3 DE JULHO DE 2021.

Caro Russel do futuro,

Em 10 anos, você abrirá esta carta e será 3 de julho de 2031 e, portanto, você terá 46 anos.

Agora parece muito longe para mim, mas na verdade acho que é quase amanhã.

Sem dúvida, espero que em 10 anos você ainda seja alguém comprometido, que não gosta de injustiças e que sempre lutará pelo bem dos outros.

Parece que um bom vinho melhora com o tempo e somos um pouco como um bom vinho, basicamente.

Espero sinceramente que você tenha tido a chance de levar a vida. Porque eu acho realmente que essa é a coisa mais bonita do mundo. Espero que esteja “sentindo pezinhos bem no fundo de você”. E falando sobre “pezinho”, vem à minha mente a “Pé No Palco”, a famosa escola onde eu fiz teatro durante dois anos. Parece que a princípio você cheira a pequenas bolhas de champanhe, isso deve ser muito estranho. Espero que essa imensa felicidade aconteça com você, sinceramente, querido Russel.

Pessoalmente, hoje, pensando no futuro do meu filho, isso me leva às lágrimas. Eu gostaria de vê-lo crescer perto de mim. Gostaria que ele fosse sempre um amor, minha razão de viver. Tenho certeza de que ele terá a coragem de superar as provações desta sociedade complexa e homofóbica. Será um menino maravilhoso. Finalmente, quando eu ler esta carta, de repente, espero poder dizer a mim mesmo: “Olha só, ele tem apenas 15 anos e já é um menino crescido”. Mas, estranhamente, não duvido disso nem por um segundo. Mesmo que este grande sensível pudesse derramar uma lágrima ao ver isso.

Caso contrário, em 10 anos, espero que você se sinta realizado em seu trabalho. Na verdade, não importa o que você faça. Talvez você possa ganhar a vida escrevendo. Talvez você até seja conhecido ou talvez não. Talvez você esteja fazendo algo totalmente diferente, como um administrador em uma empresa, trabalhando com política ou outra coisa.

Russel

Ou talvez seja um escritor, como você sonhou quando criança. Quem sabe. Em todo caso, desejo que continue a se levantar com um sorriso todos os dias. E depois com o altruísmo também, porque é isso que sempre te anima. Altruísmo.

Sim, espero que você viva altruisticamente. Que continue a se superar e a lutar um pouco como um louco. E que olhe para o mundo com olhos infantis. Para dar amor e também ternura. Eu gostaria que você aprendesse com teus avós. Sobre o amor que eles têm aos quase 90 anos. Sobre o compromisso que têm um com o outro - apesar de tudo. Eu gostaria que você desse a eles tanto quanto eles deram a você. Eu gostaria que você estivesse ao lado deles o maior tempo possível.

Eu também desejo que você continue sua jornada, para ir o mais longe possível, para querer ir mais longe a cada dia, até que você encontre seu verdadeiro lar, como disse Marcus Garvey: “Back to Africa”. Hoje tenho o sonho de descobrir a África e depois a América do Norte também. E depois conhecer a Europa. Finalmente, espero que você tenha realizado alguns desses desejos malucos!

Espero que você seja saudável, assim como todas as pessoas ao seu redor.

Espero que ame cada dia um pouco mais e seja um pouco menos alienado a cada dia porque todos nós estamos alienados de alguma coisa.



FR Jugement du Futur

Comme un prisonnier de ma peau,
Ici, dans cette ville pâle
Comme son geste quotidien,
Je me suis retrouvé à me regarder
Droit dans les yeux.
J'écris donc...

J'écris pour fuir le regard tordu des autres
Qui me tiennent par ma peau
Et non par mon Coeur.
J'écris pour garder un oeil
Sur mon existence.
J'écris pour comprendre mon avenir.
J'écris pour respirer,
Pour m'échapper du griffe
De la pensée infertile de ces juges,
Si juges qu'ils forniquent même
Avec les lois de la mère-nature!

Comme un prisonnier de ma peau,
J'apprends à être rusé et vieux comme le temps.

J'écris donc...
Pour mieux grandir,
Pour mieux vieillir.
J'écris,
Pour m'offrir le fruit défendu.
J'écris,
Pour mieux partager
Mes soucis
Aux dix générations du futur...

PT Julgamento do Futuro

Como um prisioneiro da minha pele,
Aqui, nesta cidade pálida
Como seu gesto diário,
Eu me encontrei olhando para mim mesmo
Bem nos olhos.
Então eu escrevo...

Eu escrevo para escapar do olhar distorcido dos outros
Que me julgam pela minha pele
E não pelo meu Coração.
Eu escrevo para ficar de olho
Na minha existência.
Escrevo para entender meu futuro.
Eu escrevo para respirar,
Para escapar da garra
Dos pensamentos inférteis desses juizes,
Se julgar que até fornicam
Com as leis da mãe natureza!

Como um prisioneiro da minha pele,
Estou aprendendo a ser ardiloso e velho como o tempo.

Então eu escrevo...
Para crescer melhor,
Para envelhecer melhor.
Eu escrevo,
Para me oferecer o fruto proibido.
Eu escrevo,
Para melhor compartilhar
Minhas preocupações
Com as dez gerações do futuro...

Russel



Russel declama
seu poema «
Jugement du
futur» Ouça.



*Todos os participantes do projeto cantam a
canção de autoria da colega Ninoska Pottella:
“Soy un inmigrante”.*



Acesse o
QR Code
para assistir!





Agradecimentos

Abandonar o que até então recebia o nome de lar, carregar consigo apenas uma pequena mala cheia de temores e de incertezas e ter às mãos um bilhete de avião rumo à esperança de dias melhores. Este, definitivamente, não é um movimento fácil, não é um caminho tranquilo de ser percorrido. É o que aprendemos ao ler e ouvir as histórias aqui narradas por Gloire, Maiker, Myria, Ninoska e Russel. Aprendemos também que a vida é mais fácil quando andamos de mãos dadas uns com os outros e quando partilhamos nossa existência. É assim que resistimos. E resistir tem sido verbo imperativo nesses dias, independente do sujeito que o conjugue.

Gloire, Maiker, Myria, Ninoska e Russel: vocês nos ensinaram, ao longo deste nosso encontro, a ser e a fazer resistência. Por isso, nós, organizadoras do *Narrativas: Exílios e Encontros*, gostaríamos de agradecer a cada uma/um de vocês por dividir suas histórias com tantas pessoas, que estão em diversos lugares, existindo e resistindo de diferentes maneiras, em muitas línguas. Em inúmeras ocasiões, vocês falaram em reconstrução e em cura por meio do ato de narrar vocês próprios. Saibam que também estão participando de processos de reconstrução de muita gente, de todas e todos que tiverem a sorte de ler este livro. Acreditamos nisso. Acreditamos que a história vivida e escrita por cada uma/um de nós é o que move o mundo, que o transforma. Muito obrigada por narrar e mudar o mundo por aqui.

Aproveitamos para agradecer também à equipe do Itaú Cultural pela confiança em nossa ideia (um tanto quanto ousada!) e por ter sido um apoio seguro ao longo da produção do *Narrativas: Exílios e Encontros*.

Nosso muito obrigada ao João Arthur e ao Gediel pelas palavras que abrem este livro.

Um agradecimento especial a todas as parceiras e a todos os parceiros que também nos deram as mãos e somaram forças: Alexandre, Elaine, Brunno, Sabrina, equipe do Campo das Artes, Jaime, Thiago. Agradecemos, ainda, ao nosso supergrupo da tradução: Hanady, João, Sérgio e Tuanny. Com todo nosso coração, nosso muito obrigada às revisoras, Denise e Rebeca, que tanto se dedicaram ao nosso projeto.

Por fim, agradecemos aos nossos familiares: Felipe e Bernardo (família da Carla) e Alexandre, Valentin e Cecília (família da Bruna). Obrigada por serem as nossas moradas.

Carla Alessandra Cursino
Bruna Pupatto Ruano

ISBN: 978-65-00-35714-1

CDL



9 786500 357141